



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS

RAFAEL MOURA SANTOS COELHO

**DE “FAZER SALIÊNCIA” A “BRINCAR”:
VARIAÇÃO LEXICAL PARA O ATO SEXUAL EM SÃO LUÍS DO
MARANHÃO**

SÃO LUÍS
2024

RAFAEL MOURA SANTOS COELHO

**DE “FAZER SALIÊNCIA” A “BRINCAR”:
VARIAÇÃO LEXICAL PARA O ATO SEXUAL EM SÃO LUÍS DO
MARANHÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras) da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise do Português Brasileiro e outras Línguas Naturais.

Orientador: Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra

SÃO LUÍS
2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Moura Santos Coelho, Rafael.

DE FAZER SALIÊNCIA A BRINCAR: VARIAÇÃO LEXICAL PARA O
ATO SEXUAL EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO / Rafael Moura Santos
Coelho. - 2024.

67 f.

Orientador(a): José de Ribamar Mendes Bezerra.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,
2024.

1. Variação Lexical. 2. Tabu Linguístico. 3.
Eufemismo. 4. Ato Sexual. 5. São Luís-ma. I. Mendes
Bezerra, José de Ribamar. II. Título.

RAFAEL MOURA SANTOS COELHO

**DE “FAZER SALIÊNCIA” A “BRINCAR”:
VARIAÇÃO LEXICAL PARA O ATO SEXUAL EM SÃO LUÍS DO
MARANHÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras) da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise do Português Brasileiro e outras Línguas Naturais.

DATA: 27/dezembro/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra
Universidade Federal do Maranhão
Orientador/Presidente

Profa. Dra. Hélen Cristina da Silva
Universidade Federal do Pampa – PPGLin/UNILAB
Examinadora Externa

Profa. Dra. Veraluce da Silva Lima
Universidade Federal do Maranhão
Examinadora Externa

Prof. Dr. Wendel Silva dos Santos
Universidade Federal do Maranhão – PGLB
Examinador Externo
(suplente)

Profa. Dra. Heloísa Reis Curvelo
Universidade Federal do Maranhão – PGLB
Examinadora Externa
(suplente)

“Somos todos visitantes deste tempo, deste lugar.
Estamos só de passagem. O nosso objetivo é
observar, crescer, amar. E depois voltamos para
casa”.

Provérbio aborígine australiano.

Aos meus amados pais: Graça (*in memoriam*) e Benevaldo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, nesta dissertação, gostaria de agradecer a **Deus**, a **Jesus** e à **Nossa Senhora** (das Graças, em especial). Sem eles, nós não teríamos as nossas bênçãos diárias.

Em **segundo lugar**, mas não menos importante, agradeço aos **meus pais** por terem me dado a vida e me criado tão bem. Mesmo não ganhando presentes e viagens como meus colegas e vizinhos na minha infância e adolescência, ganhei 3 coisas que fizeram total diferença em quem eu sou hoje: amor, carinho e educação. Todos os recursos dos meus pais foram voltados para a minha educação em uma das melhores escolas de São Luís. Meu **pai (Benevaldo)** sempre trabalhou para sustentar nossa casa enquanto minha **mãe (Graça)** optou por sair do emprego para se dedicar exclusivamente a mim.

Herdei o hábito da leitura e o mundo das letras através da minha mãe. Formada em Letras, ela me influenciou desde pequeninho a ler, escrever e estudar. Minha mãe sempre foi um dicionário ambulante, não havia uma só palavra que eu perguntasse que ela não soubesse. Às vezes mandava umas palavras bem difíceis e mesmo assim ela sabia todas. Durante a minha graduação na Universidade Federal do Maranhão, fiz empréstimos de vários e vários livros e tive diversas carteiras na biblioteca. Minha mãe amava literatura, especialmente a Russa. Há menos de uma semana (exatamente em 21 de setembro de 2024), minha mãe partiu para o outro plano. Ela não leu estes agradecimentos em vida, mas eu tenho certeza que ela sabe perfeitamente o quanto eu a amo e sempre vou amá-la. Ela estará sempre ao meu lado, me guiando pelos melhores caminhos.

Foram 34 anos de convívio direto. Ela fez tudo que um ser humano poderia fazer pelo outro em termos de amor e carinho. Meus pais, sobretudo minha mãe, me ensinaram os maiores valores da vida. Ela me ensinou a amar pretos, brancos, indígenas, gays, lésbicas, heterossexuais, todos. Todos os seres humanos. A falta que ela fará ninguém poderá suprir, mas eu sei que lá em cima, ela irá sempre interceder por mim junto à Nossa Senhora. O amor da minha vida desencarnou, mas eu ainda tenho o outro amor da minha vida: meu pai. Homem honrado, honesto e dono de uma simplicidade ímpar. Os dois torcem pelo meu sucesso desde sempre.

Não poderia deixar de agradecer ao **Ronaldo**, que está comigo o tempo todo. Me apoiando, me dando suporte e amor. Meus dias não seriam os mesmos sem

ele. Vai ser assim pelo resto da vida. Somente ele sabe o tanto que eu sofri dando conta de estudar e trabalhar ao mesmo tempo.

Frederico, meu filho de 4 patas, embora não possa ler, sabe o tanto eu o amo e o quero bem. É o meu outro amor, o mais inocente de todos.

Agradeço à minha avó **Josefa** que não está mais aqui com a gente, mas que muito fez por mim, tanto me amou e hoje minha mãe está com ela. Finalmente elas se encontraram e mataram a saudade de tantos anos.

Agradeço às minhas amigas **Liliane** e **Thaliana** por me despertarem tanta inspiração, devido ao amor que possuem pela vida acadêmica.

Finalizando, agradeço especialmente ao meu orientador **José de Ribamar Mendes Bezerra** por todo apoio prestado a mim nesta jornada, sempre disponível para me orientar e dono de uma imensa paciência e sabedoria. Ele tem grande parcela na concretização desta pesquisa. Menciono também a professora **Conceição de Maria de Araújo Ramos**, que acolheu tão bem à ideia deste trabalho quando eu ainda era discente do 3º período do curso de Letras da Universidade Federal do Maranhão.

RESUMO

Estudo da variação lexical para o *ato sexual* na fala de moradores de São Luís do Maranhão, sob a perspectiva da tabuização. Como objetivo geral, esta pesquisa analisou a variação lexical referente à nomeação do ato sexual dentro do município de São Luís e como objetivos específicos, apontou-se as variantes linguísticas que se apresentaram nas falas dos moradores da cidade em relação aos eufemismos utilizados para se referir ao ato sexual. Buscou-se dentre três variáveis *grupos etários* - 18 a 40 anos e maiores de 55 anos, e o sexo masculino e feminino e *escolaridade*, quais variantes seriam encontradas. A metodologia consistiu na definição do *locus* da pesquisa: Centro, Renascença, Vinhais, Turu e Cidade Operária (bairros da cidade de São Luís do Maranhão); obtenção do *corpus*, onde uma Ficha Sociolinguística foi respondida por 30 moradores desses bairros, todos naturais de São Luís, capital do Maranhão, 15 do sexo feminino e 15 do sexo masculino. A análise do *corpus* foi realizada com base em dados qualiquantitativos, tendo como suporte teórico-metodológico os estudos de Guérios (1979), Preti (1984), Ullmann (1987) e Moreno Fernández (2009). Foram encontradas 21 lexias referentes ao ato sexual e os resultados apontaram que as participantes do sexo feminino se mostraram desconfortáveis para responder à pergunta sobre o ato sexual, recorrendo ao uso de formas eufêmicas para denominar esse ato, tais como *brincar*, *fazer saliência* e *tchutchucar*. Ao passo que os homens fizeram uso indiscriminado de palavras e expressões consideradas *chulas* para a sociedade, ao se referir ao ato sexual. Isso reafirma a ideia de Preti (1984) de que os homens não precisam se adequar às mesmas normas de comportamento que as mulheres precisam desde crianças. Para validação dos resultados, uma Ficha de Variantes foi aplicada a um grupo heterogêneo de 10 moradores de São Luís, onde precisava-se apontar quais variantes faziam parte da realidade de cada um deles. Das 21 lexias encontradas, 19 foram validadas e apenas duas – *Conhecer o Hulk* e *Foca Foca* não foram validadas.

Palavras-chave: Variação Lexical. Tabu linguístico. Eufemismo. Ato sexual. São Luís-MA.

ABSTRACT

Study of Lexical Variation for the Sexual Act in the Speech of Residents of São Luís, Maranhão, from the Perspective of Tabooization. The main objective of this research was to analyze lexical variation related to the naming of the sexual act within the city of São Luís, Maranhão. Specific objectives included identifying the linguistic variants present in the speech of the city's residents regarding euphemisms used to refer to the sexual act. The study aimed to explore the influence of three variables - age groups (18 to 40 years old and over 55 years old), gender (male and female), and educational level - on the variants found. The methodology consisted of defining the research *locus*: the neighborhoods of Centro, Renascença, Vinhais, Turu, and Cidade Operária (all located in São Luís). A Sociolinguistic Questionnaire was administered to 30 residents from these neighborhoods, all natives of São Luís, with an equal distribution of 15 males and 15 females. Corpus analysis was conducted based on both qualitative and quantitative data, with theoretical and methodological support from the works of Guérios (1979), Preti (1984), Ullmann (1987), and Moreno Fernández (2009). A total of 21 lexical items (lexias) referring to the sexual act were identified. The results revealed that female participants felt uncomfortable responding to questions about the sexual act, often resorting to euphemistic forms such as *brincar*, *fazer saliência* and *tchutchucar*. On the other hand, male participants used crude words and expressions, often considered vulgar by society, to refer to the sexual act. This behavior reaffirms Preti's (1984) argument that men are not required to adhere to the same behavioral norms as women, which are imposed on them from an early age. To validate the results, a Variants Questionnaire was applied to a heterogeneous group of 10 residents of São Luís, Maranhão, who were asked to identify which variants were part of their own reality. Out of the 21 lexias identified, 19 were validated, while only two - *Conhecer o Hulk* and *Foca Foca* were not.

Keywords: Lexical Variation. Linguistic Taboo. Euphemism. Sexual Act. São Luís-MA.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Variantes encontradas em percentual.....	39
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Síntese das fichas sociolinguísticas – participantes do sexo feminino.....	41
Quadro 2: Motivação da denominação entre as mulheres.....	46
Quadro 3: Síntese das fichas sociolinguísticas – participantes do sexo masculino.....	48
Quadro 4: Motivação da denominação entre os homens.....	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
2 ASPECTOS TEÓRICOS DA PESQUISA.....	13
2.1 ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS.....	13
2.1.1 Estudos de Moreno Fernández (2009)	15
2.1.2 Estudos de Preti (1984)	16
2.2 TABU LINGÜÍSTICO: NOÇÕES GERAIS	17
2.2.1 Tabus linguísticos	18
2.2.1.2 Classificação dos tabus linguísticos	20
2.2.1.3 Tabus linguísticos e a troca de palavras: substituição e criação de palavras	22
2.2.1.4 A linguagem proibida	25
2.2.1.5 Uso de eufemismos na linguagem.....	27
3 TABU LINGÜÍSTICO NAS DENOMINAÇÕES DO ATO SEXUAL: ASPECTOS CULTURAIS	27
3.1 Sexualidade e sexo na história da humanidade	28
3.2 O sexo e a sociedade brasileira	31
3.3 O sexo na percepção de homens e mulheres.....	33
3.4 O sexo e a escolaridade	35
4 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	37
4.1 Para construir o <i>corpus</i> da pesquisa: metodologia	37
4.2 Validação dos dados	38
5 VARIAÇÃO LEXICAL PARA O ATO SEXUAL NA FALA DE MORADORES DE SÃO LUÍS - MARANHÃO	41
5.1 Variação lexical na fala das mulheres	41
5.2 Variação lexical na fala dos homens	48
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE A - Ficha Sociolinguística: expressões sobre o ato sexual	62
APÊNDICE B - Ficha de variações lexicais encontradas em São Luís	63

INTRODUÇÃO

É por meio da linguagem que as pessoas expressam sua identidade, constroem e mantêm sua cultura, além de transmitir memórias coletivas e individuais. Sendo um instrumento de interação social, a linguagem necessita ser vista na situação comunicativa, em que os interlocutores, seus propósitos comunicativos e o contexto discursivo levam a pistas que aclaram a motivação dos fenômenos linguísticos observados.

Nessa perspectiva, o léxico, como um dos componentes da língua e “janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo” (Oliveira; Isquedo 2001, p. 9), constitui-se como o “lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana” (Biderman, 1996, p. 27).

Assim, não é incomum encontrar pessoas com vergonha ou temor de dizer determinadas palavras. É normal que o ser humano evite termos que, por vezes, são julgados como “fortes” ou “carregados”, como dito na linguagem popular. Para muitos, falar o nome de doenças como câncer, conhecido por CA, e AIDS carrega um peso tão forte quanto o diagnóstico dessas doenças. Isso se deve a tabus linguísticos e, junto a eles, o medo de atrair para si a negatividade apresentada por essas palavras.

Em geral, o que é falado fora do padrão estabelecido pela sociedade, tende a ser julgado pelas pessoas e, por diversas vezes, visto com estranhamento e preconceito. O ser humano, geralmente, possui um grau de pudor para fazer o uso de determinadas palavras ou expressões quando está fora do seu ciclo de amizade e convívio. Por isso, diversas palavras são vistas como tabu e, embora carreguem essa classificação, são eternizadas porque encontram abrigo em textos escritos, a exemplo de: *A língua na boca do povo* (1992) e *O dicionário de palavrões* (2010).

Costa (1996, p. 52), apoiado nas ideias labovianas, discorre sobre o fato da língua ser um conjunto heterogêneo e diversificado sendo a variação inerente a toda e qualquer língua natural. As línguas variam de acordo com a situação em que o falante se encontra. Tal afirmação também é defendida por Tarallo (2007, p. 8), para quem, com base em Labov (2008), “há diversas maneiras de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”.

Para Guérios (1979, p. 6), o tabu linguístico é uma das modalidades do tabu em geral, ou um prolongamento dos demais tabus. Então, se uma pessoa, coisa ou ato for interditado, o nome ou a palavra a que lhes refere também o será. Para algumas

peessoas, por exemplo, o nome que se refere a um ser maligno possui os mesmos poderes ruins e carregamentos que esse ser traz consigo.

Nesse contexto, há também a questão do pudor perante assuntos de conotação sexual. Silva e Nalesso (2023) apontam que o Brasil é um país majoritariamente religioso e conservador, onde se percebe determinada censura para falar-se sobre assuntos de foro íntimo. Dessa forma, é comum notar que o falante substitui palavras consideradas “inapropriadas” por eufemismos para tornar o diálogo mais confortável e aceitável em seu dia a dia. Amaral (2019) aponta que brasileiros se utilizam de eufemismos no dia a dia, sendo algo corriqueiro e comum em diferentes contextos da vida.

Os eufemismos são vistos como uma estratégia linguística para suavizar fatos ou ideias, sendo utilizados para contornar a utilização de palavras consideradas tabuizadas em alguns contextos culturais. A utilização de eufemismos mostra a dinamicidade de uma língua e a vasta riqueza criativa lexical.

Sexo, idade, escolaridade são alguns dos diversos fatores que contribuem para a variação na fala de uma população. Com isso, o estudo da variação mostra como esses fatores podem ter expressividade diferente, dependendo do fenômeno linguístico observado. Em se tratando deste trabalho, que se insere no nível semântico-lexical, a variação se materializa no uso de diversas lexias para denominar um mesmo conceito – *ato sexual*.

Neste trabalho, que objetiva investigar a variação lexical para o ato sexual na fala de moradores de São Luís - Maranhão, sob a perspectiva da tabuização, com base nos estudos de Guérios (1979), Preti (1984), Ullmann (1987) e Moreno Fernandez (2009), percebeu-se diferentes lexias para denominação do ato sexual. As pessoas tendem a mascarar a forma natural como falam ou pensam quando proferem suas palavras em meio ao público. Quando se trata de assuntos relacionados com sexo, o tabu linguístico se faz presente, sendo evidenciado, por exemplo, por meio de estratégias de fuga, como o uso de eufemismos. Durante a recolha dos dados da pesquisa, alguns participantes ficaram constrangidos e outros, especialmente as mulheres, ruborizaram ao ser indagadas sobre qual palavra utilizavam para denominar o ato sexual.

Para alcançar o objetivo proposto, esta dissertação está estruturada em cinco seções, além desta parte introdutória, em que se apresenta o tema em estudo, o objetivo e pressupostos teórico-metodológicos.

A seção dois apresenta noções gerais acerca da sociolinguística, de tabu, em especial do tabu linguístico e sua classificação, do processo de criação de palavras a partir dos tabus e do uso de eufemismos na linguagem.

A seção três traz a relação entre os tabus linguísticos e os aspectos culturais, considerando a sexualidade ao longo da história, a percepção do homem e da mulher sobre o sexo, além da relação entre sexo e escolaridade.

A seção quatro apresenta os fundamentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa.

A seção cinco apresenta a análise dos dados coletados para esta pesquisa. E a última seção reúne as ideias principais ao longo desta dissertação.

2 ASPECTOS TEÓRICOS DA PESQUISA

2.1 Aspectos Sociolinguísticos

Atualmente, muitos estudiosos reconhecem a ligação entre língua e comunidade. Embora existam teorias linguísticas que variam na interpretação dos elementos da linguagem em relação à sociedade, as pesquisas sociolinguísticas mostram, de forma clara, o quão essencial é essa ligação. É fundamental entender essa conexão ao abordar questões linguísticas. A sociolinguística investiga a prerrogativa de que toda língua falada apresenta variação natural que é decorrente de uma não homogeneidade da fala. Existe variação que é ocasionada por fatores, sociais, culturais, econômicos.

Borin (2010, p. 7), afirma que os seres humanos naturalmente tendem a interagir uns com os outros, é um processo comum existente na nossa natureza e ao longo da história da humanidade. Isso foi reconhecido por diversos filósofos, como Aristóteles. O ser humano é um ser sociável, logo ele precisa conversar, interagir, trocar ideias e debater acerca do mundo em que vive e das questões nele existentes. É um processo orgânico que ocorre através da expressão verbal de cada falante.

Essa visão não foi tão clara inicialmente. Saussure (2006, p. 271) considerava a língua como algo fixo e imutável, sem levar em consideração a heterogeneidade dela. O autor elaborou uma teoria que separava a língua e a fala, usando a prerrogativa de que a linguística possui como objeto de estudo somente a língua. Tal afirmação levou a uma série de ideias contrárias defendidas por Jakobson (1973, p. 29) e Bakhtin (1990, p. 123). Os autores criticaram o pensamento de homogeneidade e defenderam que a língua varia de acordo com a interação social de determinado lugar.

O conceito de sociolinguística que reconhece a existência de variantes linguísticas e suas diversas probabilidades de uso só veio a surgir a partir de Labov em 1963. Tarallo (2007, p. 7) relata que o modelo proposto por Labov (2008, p. 188) naquela época, era uma reação à ausência do componente social como fator importante nos estudos da língua. Para estudar a linguagem e sua variação, seria necessário verificar a realidade em que o falante está inserido.

Borin (2010, p. 10), discorre que o objeto da sociolinguística é estudar a diversidade linguística e a língua falada sob a perspectiva da língua utilizada no dia a dia. Ela assegura que:

A sociolinguística deve demonstrar a covariação sistemática das variações lingüística e social, relacionar as variações lingüísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade.

Para que se desenvolva estudos sobre a diversidade linguística, fatores externos como identidade social e contexto social devem ser levados em consideração. Deve-se observar a comunidade linguística – conjunto de pessoas interagindo verbalmente – falando de diferentes formas, influenciadas por diversos fatores pertencentes à suas realidades.

Além das ideias dos autores supracitados, os pensamentos presentes nos estudos de Coelho *et al.* (2015) e Labov (2008) ajudam a fundamentar a análise deste estudo.

Encrevé (1977 *apud* Preti 1984, p. 5) infere que a Sociolinguística tem como objeto de estudo a língua falada por uma comunidade linguística e verifica como a língua funciona no uso diário. Para realizar este estudo, grava-se os falantes em situações comuns de uso da língua. No momento das análises, percebe-se que os dados apresentam normalmente uma grande heterogeneidade. Há sempre diferentes variações lexicais para denominar algo e isso é comum mesmo em grupos pequenos, já que, mesmo neles, os falantes possuem diferentes formas de expressão.

Em adição, Coelho *et al.* (2015, p. 11) afirmam que é necessário abandonar a ideia de que uma língua é algo pronto, acabado e, conseqüentemente, invariável, pois a língua muda constantemente. O contexto social no qual o indivíduo está inserido é responsável por isso, além de diversos fatores presentes na sociedade, como idade dos falantes, sexo, gênero, escolaridade, localidade, etc. Reconhece-se a variação lexical quando conceitos e situações sofrem variação dentro da fala de um grupo e passam a ser designados de formas diversas.

Labov (2008, p. 188) alega que não existe comunidade de fala homogênea e nem mesmo um falante ideal. Para o autor, em uma comunidade, não se pode considerar que todos dentro daquele grupo falam da mesma forma. Ao falar sobre a teoria da Sociolinguística Variacionista, é possível visualizar vários tipos de variação. A primeira variação é observada pela dimensão do espaço (diatópica); já a segunda é observada através do tempo (diacrônica); a próxima variação é dada pela observação em vários meios e veículos (diamésica); por fim, a variação diastrática é

dada pelas particularidades encontradas dentro de uma comunidade, tais como escolaridade, sexo e idade.

Ainda sobre variação, Coelho *et al.* (2015) corroboram que, na abordagem laboviana, ela é inerente às línguas, já que estas são sistemas heterogêneos e que falantes da mesma língua, da mesma comunidade ou da mesma região utilizam diversas formas para referenciar o seu entorno e, ainda assim, se entendem. Em uma mesma comunidade, várias denominações existem para se referir à mesma coisa, exemplificando a riqueza de vocábulos existentes em uma língua.

Ainda para compor o arcabouço teórico deste estudo, algumas obras foram escolhidas para fundamentar as ideias que são parâmetros para a avaliação dos dados. A obra de Preti (1984) mostra a relação entre sociedade, comportamento e tabus linguísticos em relação ao sexo. Os estudos de Moreno Fernández (2009) enfocam as variáveis sociolinguísticas que podem influenciar no modo de fala de um grupo social.

2.1.1 Estudos de Moreno Fernández (2009)

Em seu estudo acerca da Sociolinguística, Moreno Fernández (2009, p. 39) aborda que as variáveis sociolinguísticas como elementos fundamentais para a compreensão da variação linguística dentro de uma comunidade. O autor destaca, dentre as variáveis sociolinguísticas existentes, as *sociais* como as mais importantes para determinar como e por quais motivos a linguagem varia. O autor assinala que esses fatores não agem de forma homogênea, que não funcionam da mesma forma dentro da realidade de um grupo. Há lugares em que a variável *idade* influencia; em outros não. Essa variável pode influenciar tanto no vocabulário quanto nas estruturas gramaticais utilizadas pelos falantes.

Em alguns casos, o nível econômico mostra que a fala de uma comunidade pode ser influenciada pelo nível social de seus falantes e em um grupo. Esta variável pode impactar na forma como os membros do grupo falam, o que reflete o grau de acesso à educação formal eles tiveram.

Em outros contextos, a variável sexo também pode desempenhar um papel importante em relação à variação linguística. As mulheres tendem a utilizar uma linguagem diferentes dos homens, mostrando-se um tanto mais “polidas” e “pudicas” em suas falas, o que levará a utilização maior de palavras inovadoras. Em relação ao papel das mulheres, Moreno Fernández (2009) observa que, na fala, elas foram

associadas a formas mais conservadoras. Esse fator pode ser explicado por fatores socioculturais enfrentados pelas mulheres.

É imposto a elas um comportamento mais comedido, menos espalhafatoso, para que uma imagem de respeito seja vista pela sociedade. Embora o autor traga este pensamento, ele enfatiza que em algumas culturas as mulheres são responsáveis por mudanças linguísticas, elas podem desenvolver uma nova forma de falar. Porém, depende do contexto social ao qual elas estão incluídas.

2.1.2 Estudos de Preti (1984)

Em sua obra *A Linguagem Proibida*, Preti (1984) realizou um estudo acerca do uso da linguagem erótica, vista como um campo proibido da linguagem, sendo um tabu dentro da sociedade. O autor considera que o léxico de uma língua é o espelho de uma sociedade e que mostra a dinâmica social que existe nela. Nessa obra, Preti ressalta que, para falar de sexo, por exemplo, utilizava-se uma linguagem figurada, mais implícita e compreensível somente por meio de uma rede de significados mais ingênuos, ou seja, usava-se palavras eufêmicas.

Em sua obra, Preti (1984) faz uma retrospectiva que data desde a sociedade brasileira de 1920, onde as mulheres, desde a primeira infância, são moldadas e direcionadas a se comportarem de maneira diferente dos homens. Elas precisam apresentar um comportamento decente, delicado e, quando agem ou falam como homens, são repreendidas dentro de casa pela própria família. As mulheres necessitam ser mais pudicas e agir de acordo com as normas estabelecidas pela sociedade em que elas estão inseridas. Nesse contexto, é inconcebível para uma mulher falar ou se portar de forma mais despojada ou masculinizada.

Nessa época, até mesmo a moda moderna era condenada. Qualquer procedimento exibicionista, sensualmente provocante, por parte da mulher demonstrava uma posição moralista. Preti (1984, p. 49) mostra que o Dicionário Moderno, publicado em 1903 e apresentado como apêndice de seu livro, traz como advertência que as mulheres deveriam fugir ao artificialismo, aos enfeites extravagantes, mantendo-se, tanto quanto possível, fieis às suas belezas naturais.

2.2 TABU LINGUÍSTICO: NOÇÕES GERAIS

Para Guérios (1979, p. 01), os tabus sociais “vem a ser a abstenção ou proibição de pegar, matar, comer, ver, dizer qualquer coisa sagrada ou temida. Cometendo-se tais atos, ficam sujeitos a desgraças, a coletividade, a família ou o indivíduo”. Preti (1984, p. 61), afirma que os tabus sociais originam os tabus linguísticos, considerando o convívio em sociedade. Quanto à origem da palavra “*tabu*”, como é conhecida hoje, Ullmann (1987, p. 425) define como uma palavra oriunda da Polinésia, que foi levada aos países europeus a partir do Inglês *taboo*, que, por sua vez, é oriunda da palavra *ta’bu*, do idioma Tongá, da Polinésia.

Essa palavra está relacionada com um assunto sobre o qual não se pode falar devido a valores sociais ou culturais. Quando originada, estava destinada ao âmbito de proibições religiosas, hoje relacionada a diversos tipos de assuntos julgados “proibidos” na sociedade moderna. Para Freud (2012, p. 26), o tabu está ligado à ideia de algo reservado, relacionado a proibições e restrições.

O tabu é um conceito utilizado na filosofia, antropologia e sociologia, e está relacionado com a proibição, a censura, o perigo, a impureza de determinadas atividades sociais, a religião, os nomes de doenças, a sexualidade e a morte. Segundo Guérios (1979, p. 7), fazer referência a alguma coisa ou situação tabuizada - pode ser mal visto em diversas culturas.

Tal informação pode ser confirmada por Araújo e Andrade (2012, p. 58), ao discutirem as ideias de Freud, que entendem o tabu como “algo que tem uma significação multifacetada, reportando, de um lado, para o ‘sagrado’ e, do outro, para o ‘misterioso’, o ‘perigoso’ e o ‘proibido’”. Esses elementos não devem ser abordados e, aqueles que não compartilham dele, devem ficar distantes. Manter-se isolados de tais elementos, significa não correr risco de ter contato com aquilo que está estigmatizado.

Os tabus também são utilizados como ferramentas de autoridade dentro de uma sociedade. Foucault (2010, p. 9) afirma que há três formas de realizar a interdição do discurso. A primeira forma seria o *tabu do objeto*, em que existe a proibição de certos temas, como assuntos que não podem ser abordados abertamente, temas considerados inapropriados, perigosos ou imorais. A segunda forma representa o *ritual da circunstância*, que enfoca regras sobre o como, o onde e o quando falar. Por exemplo, falar sobre temas tabus pode ser permitido em espaços específicos. A

terceira e última forma está relacionada com o *direito privilegiado ou exclusivo de quem fala*; é sobre a definição de quem tem autoridade para abordar o tema, ou seja, nem todas as pessoas têm legitimidade para abordar determinados assuntos.

Quem se utiliza das três formas possui o controle e o direcionamento de alguma situação. Em adição, Freud (2012, p. 30) descreve que os tabus são simultaneamente sagrados, acima do habitual, perigosos, impuros e inquietantes. São utilizados para a proteção e preservação de culturas e costumes de um povo, uma vez que representam uma proibição, seja de atos, seja de palavras. Eles são internalizados na criação de uma pessoa, protegendo as relações sociais daquele indivíduo com as demais que estão ao seu redor. Vale retomar que os tabus linguísticos são originados a partir dos tabus sociais.

Os tabus estão presentes em inúmeros momentos da vida de um ser humano, sendo comum à espécie humana abster-se de proferir palavras e termos vistos como proibidos. Guérios (1979, p. 1) compreende que:

[...] a palavra tabu pode ser traduzida por “sagrado-proibido” ou “proibido-sagrado”. Vem a ser abstenção ou proibição de pegar, matar, comer, ver, dizer qualquer coisa sagrada ou temida”. Cometendo-se tais atos, ficam sujeitos a desgraças a coletividade, a família ou o indivíduo.

No entanto, os tabus podem levar a uma visão limitada e inflexível do mundo. Eles podem impedir o progresso e a inovação, restringindo a exploração de novas ideias e perspectivas. Benedict (2013, p 26) destaca que o homem não é obrigado, em função de sua constituição biológica, a obedecer uma variedade particular de comportamento já que a cultura não é algo biologicamente repassado de pessoa a pessoa. Nesse sentido, é importante questionar e desafiar os tabus estabelecidos, a fim de promover a liberdade e a diversidade dentro da sociedade. Tais proibições são responsáveis pelos surgimentos dos tabus linguísticos, que poderão ser vistos a seguir.

2.2.1 Tabus linguísticos

Os seres humanos vivem em um mundo cercado por regras para que possam conviver de forma harmônica na sociedade. Todas as culturas ao redor do mundo possuem suas regras, tais como regras de etiquetas, sobre como se portar diante de idosos, no trabalho e nas mais diversificadas tarefas do cotidiano.

A partir desse convívio e suas diversificadas regras, nascem as violações das normas sociais pelos indivíduos. Como visto, os tabus linguísticos fazem parte da vida do ser humano e, quando se fala da realidade brasileira, esse fato é comprovado por Da Matta (1986, p. 80) que observou o fato de que palavras ou expressões podem ser vistas como tabus dependendo da região do Brasil; que a sociedade brasileira é moderna, mas também tradicional; que o brasileiro pode ser uma pessoa em casa e outra na rua, se comportando de uma maneira diferente.

Os tabus linguísticos são restrições sociais que inviabilizam o uso de determinadas palavras e expressões de uma língua. Para Monteiro (2002, p. 7), um vocábulo é considerado um tabu linguístico quando reflete as normas culturais e os valores de determinada sociedade e de um povo. Como exemplo, pode-se citar um grupo que compartilha ideias sobre religião, e que entende que o nome do diabo não deve ser pronunciado, pois o pronunciar significa invocá-lo. Esse grupo, ao se deparar com alguém que faz essa escolha lexical, tende a interpretá-lo como uma pessoa desrespeitosa e não temente a Deus.

Augras (1989, p. 41) destaca que há partes do corpo que não devem ser nomeadas, pois são tabus linguísticos. Várias palavras “proibidas”, dentre elas, as que se referem aos órgãos sexuais masculinos e femininos (pênis e vagina) podem geralmente ser substituídas por eufemismos, como os que as crianças aprendem: ‘*piu piu*’ ou ‘*pinto*’, para o órgão sexual masculino e ‘*pepeca*’ ou ‘*perereca*’, para o órgão sexual feminino.

Além dos tabus linguísticos relacionados ao sexo, também existem restrições culturais em relação ao uso de gírias. Preti (1984, p. 66) expõe que falantes de uma língua, ao criarem gírias expressam sua visão e julgamento daquela sociedade que os cerca. Desta forma, eles criticam o convencional, fazem oposição a um comportamento linguístico escolhido pela maioria para servir como norma, e que deve ser seguido por todos. Esse vocabulário pode ser visto como mecanismo de defesa de grupos que não concordam com a imposição de uma linguagem que eles não escolheram.

Da Matta (1986, p. 80) aponta que há duas situações possíveis para o uso de gírias: a primeira aponta que um indivíduo pode ser visto como “descolado” e ser bem aceito em seu grupo por utilizar gírias. As gírias que ele utiliza serão valorizadas pela mesma identidade cultural de seu grupo. Na segunda situação, se esse indivíduo está fora do grupo que o acolhe como membro, sua forma de falar poderá ser vista

como inapropriada, rude, podendo ele ser considerado um indivíduo não educado. Desta forma, pessoas preferem evitar proferir termos e palavras para escaparem de situações constrangedoras.

Vale ressaltar que tabus linguísticos nem sempre possuem um caráter negativo. Eles podem desempenhar funções importantes na sociedade, como manter barreiras sociais, as quais levam o falante a perceber que não é permitido falar tudo o que se pensa em meio às pessoas. No entanto, é importante salientar que tabus linguísticos podem gerar preconceitos e exclusão.

2.2.1.2 Classificação dos tabus linguísticos

Diversos autores já classificaram os tabus linguísticos, dentre eles Guérios (1979), Duranti (2000), Ullmann (1987) e Preti (1984). Não há um consenso nessa classificação, entretanto se observa entre esses autores algumas similaridades ao propor tais classificações.

Guérios (1979, p. 12) assinala que os tabus próprios fazem referência à proibição em dizer um nome ou palavra devido ao seu aspecto religioso ou uma crença, como é o caso de “diabo”, por exemplo. Já os tabus impróprios, por sua vez, fazem referência à proibição de expressar palavras de cunho imoral, levando ao lado moral e sentimental.

O autor supracitado apresenta a seguinte subclassificação para os tabus:

- Tabus em nomes de pessoa;
- Tabus em nome de parentes;
- Tabus em nome de autoridades;
- Tabus em nomes religiosos;
- Tabus em nome de mortos;
- Tabus em nome de animais;
- Tabus em nome de membros do corpo humanos;
- Tabus em nome de lugares e circunstâncias;
- Tabus em nome de doenças e defeitos físicos;
- Tabus em nome de alimentos;
- Tabus em nomes vários.

Enquanto os tabus linguísticos próprios têm natureza mágico-religiosa ou de crença, os tabus impróprios estão relacionados com a natureza moral, sendo

considerados ofensivos ou indevidos em certos contextos. Palavrões, por exemplo, são termos considerados tabus impróprios. Utilizá-los em situações formais ou públicas pode ser considerado um ato extremamente rude e mal educado.

Para Lyons (1982, p. 7), usar uma língua ao invés de outra, é uma forma diferente de se comportar, ou seja, o ser humano se adapta de acordo com o meio em que está inserido. Duranti (2000, p. 47) corrobora que utilizar uma língua significa interagir com o mundo que nos cerca. Nesse sentido, a cultura é um sistema de participação em que os falantes de uma comunidade compartilham suas crenças, seus costumes e também, sua linguagem. Quando se transmite a língua, os elementos existentes nela, inclusive os tabus linguísticos são repassados.

Ullmann (1987, p. 427) divide os tabus linguísticos em três classificações:

1. Tabus de superstição;
2. Tabus de delicadeza;
3. Tabus de decência.

O autor ainda declara que tabus não se caracterizam somente como proibições sobre pessoas, animais e coisas, elas se estendem aos seus nomes. Essa proibição é gerada devido ao medo que as pessoas têm em proferir esses nomes e, conseqüentemente, trazer a negatividade que eles representam, mostrando, dessa forma, que os tabus linguísticos são originados a partir de tabus sociais.

Em concordância, Almeida (2007, p. 26) reafirma que, considerando o fato de não poder falar sobre determinado assunto, se faz necessário utilizar modos implícitos de expressão que permitam que a mensagem seja transmitida sem acarretar responsabilidade a quem disse. Uma forma de proferi-las sem sofrer julgamentos, é realizando o uso de eufemismos, o que torna a conversa mais amena e menos constrangedora.

Por isso, entende-se que os eufemismos utilizados durante conversas, possuem o papel de suavizar a fala de determinados termos que soam negativamente ou que são tabus. Para Preti (1984, p. 61), há linhas frágeis que marcam os limites dos bons costumes, sendo estes sempre renováveis dentro de um grupo:

Formas vulgares se incorporam à fala culta ou vice-versa. A vida das palavras torna-se um reflexo da vida social e, em nome de uma ética vigente, proíbem-se ou liberam-se palavras, processam-se julgamentos de “bons” ou “maus” termos, apropriados ou inadequados aos mais variados contextos. E tabus linguísticos aparecem como decorrência de tabus sociais.

Isso é levado para o campo do léxico, que termina por refletir a vida social dos indivíduos, que são julgados de acordo com a forma que se expressam, demonstrando que tabus morais são geradores de tabus linguísticos. O autor mencionado, ao estudar a linguagem erótica, afirma que, quando estudamos as relações entre vida social e vocabulário, constata-se que essas relações são vastas e que não atingem somente um campo específico do léxico.

Percebe-se que tais relações acabam por adentrar no vocabulário comum de um grupo social. O autor supracitado descreve que há um jogo sutil de mudança de significado de palavras em meio aos grupos e que palavras acabam por adquirir significados implícitos. Essa mudança implica na tentativa de mascarar palavras tabus consideradas fora do padrão ou que não se encaixam em meio a padronização do discurso.

Quando se investiga os tabus relacionados ao ato sexual, deve-se levar em consideração os tabus impróprios, já que não há representação de proibição atrelada a motivos de cunho religioso. As palavras tabu estão diretamente ligadas às questões socioculturais e são passadas de geração em geração como uma herança cultural.

Para Attardo e Raskin (1991, p. 298), quando se utiliza o humor como forma de aliviar a tensão que sempre surge ao falar-se sobre sexo, as pessoas se sentem mais confortáveis para discutir o tema. À medida que esse assunto se torna presente no contexto humorístico, os tabus linguísticos são muitas vezes tratados de forma irreverente e sua força proibitiva é enfraquecida, levando à sua amenização ou desaparecimento. Vale ressaltar que esse fator depende ainda da cultura local em que o indivíduo está inserido.

2.2.1.3 Tabus linguísticos e a troca de palavras: substituição e criação de palavras

Os falantes evitam o uso de palavras e expressões que remetem a algo proibido, que são tabus. Logo, faz-se necessário o uso de expressões ou palavras que possam substituí-las. Guérios (1979, p. 17-23) aborda mecanismos utilizados para substituí-las com intenção de fuga dos tabus. Bonhomme (1998, p. 14), por sua vez, descreve a utilização de eufemismos com a função de atenuar o uso de determinadas palavras em realidades desagradáveis.

Guérios (1979, p. 17-23) aponta 14 formas possíveis de fuga:

1 – O vocábulo *tabu* é substituído por *gesticulação*. Recorre-se ao uso de gestos para evitar verbalizar a palavra *tabu*. Como exemplo, pode-se citar a situação da morte de alguém. Ao invés de mencionar a palavra “*morte*”, faz-se um gesto com as mãos, indicando a perda de algo sem a necessidade de verbalização.

2 – O vocábulo *tabu* é substituído por um sinônimo, simples ou locucional. Utiliza-se uma expressão correspondente, porém aceitável. Como exemplo, ao invés de dizer “*morte*”, diz-se “*falecimento*”.

3 – O vocábulo *tabu* é substituído por uma expressão genérica, com ou sem restrição. Usa-se um outro termo mais vago e mais amplo. Como exemplo, ao invés de dizer “*sexo*”, diz-se “*relacionamento íntimo*”.

4 – O vocábulo *tabu* é substituído por um estrangeirismo ou dialetismo. Faz-se o uso de uma palavra ou expressão oriunda de um outro idioma ou de uma forma dialetal, para distanciar o impacto cultural da palavra original. Como exemplo, troca-se “*encontro romântico*” por “*date*”.

5 – O vocábulo *tabu* é substituído por um hipocorístico ou por uma antífrase. Troca-se a palavra *tabu* por uma redução carinhosa ou por uma palavra que seja oposto à palavra original. Como exemplo, troca-se “*gordo*” por “*cheinho*” ao se referir a uma pessoa obesa.

6 – O vocábulo *tabu* é substituído por um difemismo. Substitui-se o termo por uma palavra mais vulgar ou chula. Como exemplo, troca-se “*sexo*” por “*fuder*” ou “*trepár*” ao se referir sobre o ato sexual.

7 – O vocábulo *tabu* é substituído por um resultado do cruzamento entre aquele e outro vocabulário. Cria-se um neologismo ao misturar o termo *tabu* com outro termo. Como exemplo, ao dizer que alguém “*morreu*”, diz-se “*viajou*”. “*Morte*” + “*viajar*”.

8 – O vocábulo *tabu*, membro de uma locução ou frase, é substituído pelo restante dessa locução ou frase (*elipse*). O termo é omitido e usa-se o resto da frase para completar o sentido original da frase. Como exemplo, ao mencionar sobre o vício em álcool (*alcoolismo*) de alguma pessoa, usa-se “*problemas com bebida*”.

9 – O vocábulo *tabu* apresenta-se no diminutivo. Adiciona-se um sufixo no diminutivo para diminuir o impacto da fala. Como exemplo, ao invés de dizer “*doente*”, usa-se “*doentinho*”.

10 – O vocábulo *tabu* é deformado foneticamente. Altera-se a pronúncia para reduzir o impacto da fala. Como exemplo, ao invés de falar “ele é um *merda*”, diz-se “ele é um *merdinha*”.

11 – O vocábulo *tabu*, membro de uma frase, muda de posição ou classe, obedecendo a uma sintaxe preconcebida. Muda-se a posição do elemento *tabu* para atender convenções culturais. Como exemplo, muda-se a classificação de uma palavra dentro de uma frase: “*Porra, que coisa feia!*”, pode-se dizer “*Que coisa feia, porra!*”. A palavra “*porra*”, que seria usada com interjeição no início da frase, é deslocada para o final, minimizando o impacto.

12 – O vocábulo *tabu* mostra-se no plural. Transforma-se a palavra *tabu* em plural, generalizando-a. Como exemplo, ao invés de falar “*morte*”, fala-se “*as mortes*” para dar um sentido menos pessoal e mais generalizado.

13 – O vocábulo *tabu* apresenta-se no gênero neutro. Coloca-se a palavra *tabu* no gênero neutro para evitar associações a gêneros. Como exemplo, ao se referir sobre um gênero específico, pode-se dizer “*a pessoa*” ao invés de “*o homem*” ou “*a mulher*”.

14 – O vocábulo *tabu*, embora não substituído, é pronunciado em voz baixa. O tom utilizado é baixo para que fique quase inaudível. Como exemplo, quando se fala sobre algo bastante constrangedor, pode-se dizer “*aquele caso do... (palavra dita em tom baixo) lá de São Luís*”.

Essas 14 estratégias apontam maneiras de evitar ou modificar o uso de palavras e expressões consideradas tabus na língua. Todas essas práticas refletem as normas culturais e a tentativa de lidar com situações desconfortáveis e restrições sociais que estão associadas a seu uso.

Bonhomme (1998, p. 14) visualiza a utilização de eufemismos na relação entre linguagem e realidade. Ele propõe o eufemismo em dois atos de fala: (i) o que borra a realidade a que se está fazendo referência, sendo o eufemismo utilizado com um ato moderador e (ii) um ato que minimiza a realidade, fazendo o papel de ato melhorativo. Os eufemismos são utilizados para atenuar situações que abordam mortes, doenças, atos sexuais, a expressão de realidades ruins ou não agradáveis.

O mesmo é defendido por Preti (1984, p. 60), ao discorrer sobre a pressão exercida pela sociedade em relação a “boa linguagem”, que ora libera e aceita novos vocábulos que visam os “bons costumes”, ora condena vocábulos considerados

“maus termos”, fazendo surgir tabus linguísticos derivados de tabus sociais. Essa proibição de palavras gera a linguagem proibida.

2.2.1.4 A linguagem proibida

A ideia de língua como interação social leva à constatação de que a fala de um indivíduo carrega consigo toda a realidade cultural e sociolinguística do falante. Biderman (2001, p. 179) assegura que

O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos- agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua.

Verifica-se que a cultura de um povo é responsável pela expressão de fala de cada indivíduo, refletindo seus valores e seu modo de vida. É comum que uma pessoa mude algumas palavras de seu vocabulário quando se trata de assunto considerado íntimo ou visto como proibido e/ou comprometedor. Isquierdo (1996, p. 93) reforça a ideia de que, quando se discute sobre a norma lexical utilizada por um grupo de falantes, é preciso levar em consideração que a fala daqueles indivíduos está carregada de traços socioculturais provenientes do seu convívio com pessoas do seu próprio meio, ficando notória a sua origem, suas crenças e seus valores.

De acordo com Preti (1984, p. 59):

O léxico representa para lingüista um campo de difícil análise, pelas implicações culturais que possui e porque nele, mais do que em nenhum outro, se observa melhor a condição dinâmica da língua, sua contínua renovação para atender às necessidades de comunicação, fato que reflete a mobilidade das estruturas sociais, que também se renovam incessantemente.

Primeiramente, o conceito de léxico necessita ser explicado, sendo para o autor supracitado, um conjunto de palavras memorizadas por uma comunidade que, através da sua existência, passa a ser expressão da própria história dessa comunidade, seus pensamentos e as normas sociais que a regem. A língua é capaz de mostrar diretamente as realidades não linguísticas de um lugar por meio do seu léxico.

Sendo assim, a “boa linguagem” é reflexo de uma sociedade julgadora que decide o que é certo e errado. Segundo Guilbert (1975, p. 51):

Elas decorrem de certas regras de 'savoir vivre', aquelas da 'boa sociedade', que proibem o uso de termos crus, com referências às realidades fisiológicas e sexuais. Cria-se a barreira do eufemismo ou das reticências para evitar o emprego desses termos-tabus. Às pressões do 'savoir vivre' juntam-se os imperativos estéticos a propósito dos quais se fundamenta a suspeita contra as palavras científicas de uma morfologia e fonologia julgadas repulsivas.

Os falantes administram formas linguísticas socialmente marcadas. Essa conduta reflete um balanço constante entre expressar ideias e se adequar às normas sociais, delineando a forma como a língua evolui e pode ser utilizada em diferentes contextos.

Preti (1984, p. 59) reitera que a conexão entre léxico e costume é ainda maior quando se trata dos termos usados para descrever o ato sexual e as práticas eróticas, é a "linguagem proibida" real. Não se trata apenas de questões linguísticas proibidas, mas também de questões sociolinguísticas que envolvem fatores sociais dos falantes e das circunstâncias em que são usados.

O vocábulo obsceno é defendido por Preti (1984, p. 64) como campo da "moral". Pensava-se tradicionalmente que as linguagens grosseiras e obscenas eram exclusivas do povo inculto. Porém, desde o século XVIII, os franceses da classe nobre usavam a linguagem obscena em reuniões da corte. Era costume atribuir sentidos maliciosos até mesmo aos vocábulos ingênuos.

No que tange à sociedade brasileira, Silva (2002, p. 77) relata que a linguagem obscena era vista como transgressora dos padrões dos "bons costumes". Porém, as palavras consideradas de "baixo calão", em determinado momento, passaram a fazer parte do vocabulário do "alto falante". Ou seja, tais palavras não estavam restritas a círculos privados, elas foram elevadas à condição de linguagem recorrente.

Preti (1984, p. 65) assinala "que um dos índices do vocábulo grosseiro e o obsceno é a sua referência a uma vida sexual quase sempre deformada, que se fundamenta nos comportamentos de exceção, nos vícios e exageros eróticos". Para ele, é o contexto situacional que possibilitará distinguir o que vulgarmente costuma-se chamar de "palavrão". O autor aponta, ainda, que com o passar do tempo, alguns desses "palavrões" já não trazem à memória do falante e do ouvinte o sentido original da palavra, sendo utilizados somente como representação vocabular de tabus sexuais. Preti destaca também (p. 66) "que a linguagem grosseira é produto do gosto pelo obsceno, inerente à alma do povo".

2.2.1.5 Uso de eufemismos na linguagem

A utilização de eufemismos na linguagem é realidade em diversas culturas e tem por finalidade aliviar a carga que uma palavra carrega consigo. As conversas se tornam mais suaves e as pessoas se sentem mais confortáveis, especialmente quando o assunto é relacionado a sexo. Bonhomme (1998, p. 14) classifica os eufemismos como uma espécie de figura de linguagem, pois são empregados para atenuar algo a ser dito. A realidade é enfraquecida e em seguida melhorada através de eufemismos utilizados.

Preti (1984, p. 78) evidencia que os eufemismos possuem função de neutralizar conotações desagradáveis ou censuradas. O autor traz como exemplo o emprego dos pronomes demonstrativos para se referir aos pruridos do ato sexual. “Muitas mulheres se casam pra ver o que é *aquilo*?” ou “Quer dizer que a mulherzinha só bota *aquilo* no chão, com *aquilo* na mão.”

O dicionário *Aurélio* (Ferreira, 2004, p. 851) define eufemismo como “1. Ato de suavizar a expressão duma ideia, substituindo a palavra ou expressão própria por outra mais agradável, mais polida”.

A seção 3 mostra os aspectos sociais dos tabus linguísticos em relação ao ato sexual. Para tanto, apresenta-se o ponto de vista da sociedade em relação ao sexo, desde os primórdios da humanidade até a contemporaneidade. Também é abordada a visão da sociedade brasileira em relação ao ato sexual na visão masculina e feminina, além de relacionar seus níveis de escolaridade com o sexo.

3 TABU LINGUÍSTICO NAS DENOMINAÇÕES DO ATO SEXUAL: ASPECTOS CULTURAIS

O ato sexual, dentro de muitas culturas, é considerado um grande tabu. Em países árabes, por exemplo, especialmente aqueles regidos por leis religiosas, como a Arábia Saudita, há mecanismos que vigiam e punem cidadãos que fogem aos padrões exigidos pelas leis do país, como a polícia religiosa, chamada de *Mutaween*.

Para Pietenpol *et al.* (2018, p. 01), esse tipo de polícia é especialista em impor os rígidos costumes religiosos da lei Sharia, sistema jurídico do Islã, que inclui códigos de vestimenta, a maneira que os cidadãos devem se comportar em casa e na rua, além dos horários de orações obrigatórias. Outro exemplo, é o Irã, um estado teocrático, regido por um aiatolá – chefe máximo numa hierarquia religiosa entre

muçulmanos xiitas – onde falar sobre sexo é algo visto como extremamente desrespeitoso e ofensivo.

Segundo Helie e Hoodfar (2012, p. 78), falar sobre sexo é um tabu e possui censura governamental, sendo a vigilância social responsável pela limitação da liberdade de expressão sexual. Os indivíduos dessa sociedade podem ser condenados a penas mais severas por estarem falando sobre um assunto considerado delicado. Nesse caso, as leis religiosas determinam que o sexo é um assunto proibido acerca do qual as pessoas não devem conversar. Para abordar o tema, as pessoas fazem uso de gírias, metáforas e eufemismos. Essa situação ilustra o contexto de sociedades conservadoras ou religiosas onde o sexo é visto como algo privado e sagrado.

Vale lembrar que tabus relacionados ao sexo podem variar também dentro da mesma cultura, dependendo da idade e do sexo, por exemplo. Para Preti (1984, p. 29), há diversos fatores sociais que podem influenciar em como uma pessoa se expressa quando o assunto abordado é o ato sexual. Dependendo da sociedade, mulheres podem enfrentar algumas restrições em relação à fala sobre sexo, ao passo que, em outras, jovens podem ser incentivados a não falar sobre sexo até atingirem uma determinada idade ou mesmo até o casamento.

Dessa forma, esta seção traz uma visão sobre a sexualidade e o ato sexual ao longo da história da humanidade, desde os primórdios, passando pela Idade Média, indo até a contemporaneidade. O sexo na sociedade brasileira também é abordado, enfocando-se, ainda, a percepção de homens e mulheres acerca do assunto e as e a relação entre o ato sexual e escolaridade.

3.1 Sexualidade e sexo na história da humanidade

O sexo faz parte da existência humana, sendo realizado em todas as sociedades do mundo. Ele possui tamanha complexidade que pode ser analisado pelos vieses da biologia, da psicologia, da sociologia, da linguagem, já que engloba o indivíduo, o seu corpo e a sua mente. Conforme Foucault (2011, p. 101) o ato sexual é um fenômeno histórico e socialmente construído, que se transforma ao longo do tempo e está relacionado a diferentes formas de controle social e, também, de poder.

Deve-se compreender que, como os valores relacionados ao sexo são frutos das relações de poder vigentes de uma sociedade, essas relações podem ser

mudadas ao longo do tempo. Não obstante, sexualidade e sexo ainda são vistos como assunto tabuizado em diversas sociedades.

Para contextualizar sexualidade e sexo desde os primórdios da civilização humana, recorre-se a Barp (2008 *apud* Barros e Miranda 2019, p. 13) “a sexualidade não é apenas um conjunto de atos e reflexos herdados, é também construída a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio e com a cultura, satisfazendo às exigências físicas e psicológicas do indivíduo.”

A ideia de que o sexo está relacionado com a sociedade foi defendida por Preti (1984, p. 29), ao afirmar que:

Essa caricatura das relações amorosas de uma comunidade não é inteiramente gratuita. Ela implica também na referência a uma realidade que, direta ou indiretamente, explica ou condiciona esse comportamento: o ambiente e a paisagem da cidade, seus tipos característicos, a situação econômica, as atividades intelectuais e artísticas, a estrutura familiar, o conceito de lazer, os meios de transporte e sua participação na vida social, a imprensa a moda, etc.

O autor faz referência às relações amorosas como algo que sofre influência do meio no qual um indivíduo está imerso. A maneira como as relações amorosas ocorrem é influenciada por diversos fatores e não se trata de uma representação arbitrária, mas sim de um reflexo de como as pessoas vivem e se relacionam dentro de um contexto social e cultural. Preti (1984, p. 158) ainda que:

O sexo, como outras atividades corporais, pode ser entendido como uma necessidade natural, mas também como um fato cultural. São como impulsos naturais, respondendo comumente a estímulos exteriores presentes ou passados, que levam à excitação de certos órgãos e à consequente procura de uma forma de satisfação. Mas ao contrário dos animais, as relações sexuais são precedidas de uma série de atos que decorrem da própria estrutura social. Dada a sua complexidade, esses atos acabam por compor um verdadeiro ritual cujo objetivo é prolongar ou acentuar o prazer.

Para compreender o contexto da sexualidade e do sexo no tempo, faz-se necessário verificar a história desde o período pré-histórico, quando há os primeiros registros sobre esse tema. Nas cavernas encontram-se diversos registros em pinturas rupestres, onde o sexo era registrado de forma natural. Sobre o tema, Pereira (2008, p. 5) destaca que há registros que possuem mais de 22 mil anos. Para o autor, nessa época, o sexo era visto como um comportamento semelhante aos demais animais, ou seja, natural.

No paleolítico, as mulheres eram altamente valorizadas e adoradas pela sua capacidade de fertilidade, sendo exaltadas como possuidoras de uma sexualidade

sagrada e divina. De acordo com Barros e Miranda (2019, p. 13), as mulheres desempenhavam o papel de chefes de família e ocupavam posições respeitáveis e fundamentais para a sobrevivência do grupo, em um sistema conhecido como matriarcado. Com o advento do neolítico, a caça perdeu sua importância. Com o sedentarismo dos homens, estes assumiram o papel de chefes de família e pais, tornando-se dominantes. Foi nessa época que surgiram as primeiras formas sistematizadas de religião.

Barros e Miranda (2019, p. 14) afirmam que, durante o período neolítico, foi possível observar uma tendência de subjugação parcial das mulheres. As deidades femininas foram deixando de ser representadas, dando lugar a divindades masculinas, e a normas que favoreciam os homens. Enquanto na pré-história a figura feminina ainda possuía certo grau de importância, na antiguidade esse cenário se torna ainda mais diferente, pois a figura do homem passar ser a principal e a mais respeitável.

Essas mudanças sociais afetam a visão dos indivíduos quanto a sexualidade e sexo. Na cultura hebraica, por exemplo, Spitzner (2005, p. 21) aponta uma mudança de comportamento: os indivíduos entendiam o sexo somente como tarefa exercida para procriação, sendo destinada a Deus. Era importante ter uma família com um grande número de filhos para ocorrer a perpetuação do povo e seus costumes.

Esse costume pode ser observado, também, na cultura grega, em que a sexualidade estava ligada diretamente aos deuses, a sua religião e aos seus conhecimentos. Barros e Miranda (2019, p. 14), por sua vez, afirmam que a vida militar, os jogos e as festas, eram direitos exclusivos dos homens, dessa forma vê-se, claramente, o papel reprodutivo da mulher e sua submissão perante a figura masculina.

Segundo Foucault (2011, p. 41), no início da Idade Média, o sexo era considerado um assunto natural, sem ser visto com malícia ou com a intenção de alcançar a satisfação. Não obstante, a percepção mudou quando a Igreja passou a atribuir uma conotação imoral à sexualidade, passando a ser vista pela sociedade como algo impuro e pecaminoso.

A ideia de que o celibato seria a melhor opção, melhor inclusive que o casamento, e que deveria ser seguida por todos, é defendida desde o século I, pelo apóstolo Paulo. Permanecer solteiro significava uma vida inteira e, em tempo integral, dedicada exclusivamente a Deus, não sendo preciso dividir a atenção com nenhuma

pessoa. É importante frisar que a homossexualidade, o adultério e a prostituição passaram a ser considerados atos pecaminosos, favorecendo, assim, o surgimento de um modelo ideal que se perpetua até os dias de hoje: o homem, a mulher e os filhos – modelo de família tradicional.

Barros e Miranda (2019, p. 15) relatam ainda que, durante o auge do poder da Igreja, indivíduos descobertos praticando relações sexuais costumavam ser punidos com severidade. Suas partes íntimas eram queimadas e, posteriormente, eram condenados ao enforcamento para servir como exemplo, desencorajando o ‘*ato pecaminoso*’. A partir desse momento, a visão predominante sobre o ato sexual passou a ser estritamente ligada à finalidade de procriação, com métodos contraceptivos - considerados recursos médicos - sendo proibidos e condenados.

Na contemporaneidade, o ato sexual é visto de forma diversificada, influenciado pelo contexto cultural e social do indivíduo. Corrêa (2013, p. 5) relata que falar sobre sexo se tornou mais banal, porém ainda é julgado, especialmente no que tange ao universo feminino. No século XXI, há diferentes aplicativos que tornam o sexo mais fácil e mais casual. Embora houvesse sexo casual no passado, hoje em dia, essa prática é mais frequente e realizada de forma mais natural, inclusive com ajuda da tecnologia. Aplicativos como “*tinder*”, “*happn*”, “*grindr*” e “*scruff*” permitem que seus usuários encontrem pessoas interessadas em encontros casuais e sem compromisso.

3.2 O sexo e a sociedade brasileira

Falar de sexo na sociedade brasileira não é diferente do que se observa em outros países do mundo, especialmente no que tange a países majoritariamente cristãos como o Brasil. Colonizado por Portugal, onde se perpetuava a ideia de que o primeiro contato sexual da mulher deveria ser feito dentro do casamento e com caráter de procriação, o Brasil seguiu a mesma visão portuguesa, e ao homem era dado o direito de buscar prazer fora do matrimônio, sendo vista essa prática como aceitável. Para Ribeiro (2005), as únicas funções das mulheres eram casar, cuidar do marido e dos inúmeros filhos que gerassem. Giddens (1993, p. 50) aponta que a ideia do “amor romântico”, só viria surgir na Europa em torno do século XVIII.

Em meados do século XXI, Ciências como a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia e as Ciências da Linguagem passam a analisar como é visto o ato sexual.

Sob diferentes ópticas, diversas opiniões foram encontradas acerca do sexo, determinadas de acordo com o meio em que a pessoa está inserida. Diante do exposto, Giddens (1993, p. 103) afirma que a diversidade sexual já é um componente presente em diversos estudos, o que um dia levará a uma igualdade de direitos, haja vista que as mulheres estão se libertando de seus confinamentos domésticos.

Em sincronia, é percebida uma tendência normalizadora do sexo, eliminando tabus e estigmas relacionados a ele. Isto é acompanhado da promoção de uma educação sexual extensiva que, além de orientar sobre saúde e meios de prevenção de doenças, aborda temas relacionados ao prazer e a diversidade de vivências, mostrando que o sexo é uma prática natural dos seres humanos.

Em contrapartida, Bueno (2014, p.209) com base em Parker (1991) ressalta que, no Brasil, sempre houve uma forte construção ideológica acerca da organização social e familiar. O patriarcalismo no Brasil deixou clara a divisão existente entre homem e mulher. Os homens sempre foram vistos como os seres mais fortes, que tomam as decisões e são superiores, já as mulheres, como seres mais frágeis, que obedecem e são dóceis. Essa divisão ocasionou a forma como o homem se vê atualmente – superior às mulheres e que está no topo da hierarquia de gênero. Essa visão termina por gerar uma resistência acerca do sexo, onde valores machistas e conservadores ainda prevalecem.

Por se tratar do século da tecnologia, que desempenha um papel cada vez mais marcante na forma como a sociedade visualiza o sexo, Castells (2000, p. 68) pondera sobre como a internet promoveu a multiplicação da comunicação. O autor afirma, inclusive, que em diversos países o patriarcalismo foi enfraquecido e passou-se a falar mais sobre sexo. Observa-se que, no mundo pós-pandêmico, os aplicativos e sites de relacionamento e encontros são vistos como uma maneira de gerar intimidade e conexão emocional, vive-se hoje em um mundo digital.

A tecnologia encurtou distâncias e aproximou pessoas. Tal fato também pôde ser corroborado por Penido e Teles (2019, p. 15), ao afirmarem que o mundo digital chegou para ficar e que as relações mudaram a partir disso. Essa mudança apresenta desafios e oportunidades ímpares para a saúde pública, as políticas regulatórias e a educação sexual. Em síntese, a compreensão do sexo na sociedade brasileira do século XXI é assinalada como uma complexa interação entre avanços culturais, sociais e tecnológicos, que por sua vez moldam a visão individual e coletiva em relação ao ato sexual.

A diversidade e a desmitificação do ato sexual são visíveis em diferentes contextos do Brasil, embora ainda haja uma forte ligação com valores tradicionais e desigualdade entre homens e mulheres. Essas ligações levam o ato sexual a ser tratado, muitas vezes, com tabu, ou seja, como um assunto proibido por parte da população, já que o modo como as relações sexuais são vistas reflete o pensamento dos falantes da língua. Em suma, verifica-se que a normalização do assunto está ocorrendo; contudo, ela não acontecerá uniformemente dentre faixas etárias e sexo.

3.3 O sexo na percepção de homens e mulheres

A maneira como o ato sexual é entendido e visto difere dentro dos grupos sociais. A noção, o valor, a importância e o modo como se fala sobre sexo podem ser distintos dentro de cada um desses grupos, sendo mais proibido para alguns e mais normalizado por outros. As diferenças de perspectivas são capazes de influenciar as experiências sexuais e como as pessoas se comportam em relação a isso dentro do seu grupo.

Discorrer sobre sexo, em alguns contextos, pode acarretar uma série de desentendimentos, que passam pela visão que a sociedade tem do órgão sexual, masculino e feminino. Mélo (2012, p. 197) defende a ideia de que as características anatômicas dos órgãos sexuais são a base para a definição de sexo. O autor relata que na Idade Média havia somente um único corpo padrão: o masculino. O corpo do homem possuía um órgão sexual e esse era o mais importante, ao passo que o órgão sexual feminino não possuía uma terminologia própria. Naquela época, a visão era de que as mulheres eram donas de um órgão não desenvolvido, voltado para dentro, elas eram defeituosas e insignificantes.

Vale ressaltar que essa concepção não estava relacionada somente aos órgãos sexuais, ela se estendia à uma ideia de um status social submisso, onde as mulheres eram invisíveis, tendo sua importância diminuída, configurando um papel submisso. Seus corpos eram moldados pela visão masculina, sendo passivas e devendo ser obedientes aos homens.

Souza e Hot (2019, p. 1) descrevem a importância da figura masculina naquela época e assinalam o papel da igreja na época do Brasil Colônia nesse contexto. A família patriarcal era defendida como modelo ideal, tendo os homens o poder na organização familiar. Esse modelo admitia o desejo e o prazer sexual dos homens fora do casamento, enquanto que as esposas serviam para procriação, o

prazer da mulher era inexistente. A igreja católica foi de fundamental importância na perpetuação destas ideias. Era difundida a visão de que o prazer íntimo deveria ser reservado ao matrimônio e direcionado apenas para reprodução. Os princípios patriarcais e a supervisão dos corpos femininos eram considerados fundamentos de um ambiente familiar convencional, com os anseios e exigências sexuais das mulheres muitas vezes reprimidos ou menosprezados quando notados.

Por sua vez, Pinto (2010, p. 16) traz o fato de que, em meados de 1960, o movimento feminista lutou pela busca de direitos igualitários e equidade entre homens e mulheres. O surgimento da pílula anticoncepcional marcou, também, o início da liberação sexual, pois o sexo não era mais visto somente para a procriação. A partir desse momento, as mulheres conseguiram obter liberdade para estudar e trabalhar. Consequentemente, isso propiciou mais liberdade sexual.

É importante frisar ainda que a perspectiva sobre o ato sexual varia de acordo com os costumes, as crenças e a cultura da sociedade em que os indivíduos estão inseridos. Isto é, além do ato visto como forma de prazer, associa-se ao amor que existe entre um homem e uma mulher.

A abordagem sobre sexo e as formas em que é realizado foram moldados por fatores históricos, culturais, religiosos e sociais. Através dos séculos, o ato sexual foi influenciado significativamente por normas e expectativas sociais. Esse fenômeno pode ser observado por meio do processo de construção da sexualidade ao longo do tempo. Diferentes grupos sociais atribuindo significados, permissões e restrições diversas ao comportamento sexual variando desde a visão restritiva e normatizada até a busca pela autonomia sexual.

O sexo está intrinsicamente ligado às diferentes culturas e comunidades ao redor do mundo. Desde antigas tradições até as transformações da sociedade moderna, a interpretação do sexo continua a evoluir. Novas percepções sobre identidade de gênero e prazer estão moldando a forma como encaramos a intimidade e os relacionamentos. Esse caminho é fortemente moldado por transformações nas hierarquias, nos princípios da sociedade e na contínua luta pela liberdade e igualdade, especialmente em relação à expressão da sexualidade e à promoção de relações mais justas entre homens e mulheres.

3.4 O sexo e a escolaridade

Discute-se muito a relação existente entre o ato sexual e a escolaridade. A escolaridade influencia na conscientização sexual, podendo, assim, influenciar em como um indivíduo fala sobre sexo. Vale destacar que esse fator é o único que afeta essa ligação, pois as práticas culturais do indivíduo também interferem na relação sexo/escolaridade. Segundo Silva *et al.* (2015, p. 31) as pessoas que possuem um maior grau de escolaridade conhecem mais sobre métodos contraceptivos e sobre como as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) podem ser evitadas.

Dessa forma, os autores supracitados inferem acerca da relação existente entre a baixa escolaridade e o início da vida sexual de um indivíduo. O risco de gravidez na adolescência aumenta e, também, o surgimento de DSTs em pessoas cada vez mais jovens. Silva *et al.* (2015, p. 28) informam que a idade média em que acontece a primeira relação sexual dos adolescentes é 15 anos.

Isso, também, é observado por Santos *et al.* (2008) ao alegarem que pessoas com maior grau de escolaridade relatam início de atividade sexual mais tardia, com uso frequente de preservativo e um número de parceiros menor. Por outro lado, pessoas com menor grau de instrução, as que não possuem ensino fundamental completo, declaram ter iniciado sua vida sexual mais cedo e com um número maior de parceiros, sendo a maior parte desprotegida, sem uso de nenhum método de proteção.

Falar sobre educação sexual nas escolas é algo frequentemente limitado, o que pode gerar uma perpetuação de padrões de comportamento de risco. É evidente que a educação é um fator que determina na promoção de uma vida sexual segura e saudável. Quando há campanhas educativas nas escolas, criam-se estratégias de redução de vulnerabilidade de jovens e adolescentes em contextos de baixa escolaridade.

Tabus são formados e, conseqüentemente, tabus linguísticos surgem nas falas desses adolescentes e jovens que vivem nesse contexto. A escolaridade de um indivíduo pode influenciar na forma como ele fala sobre sexo, como por exemplo, na maneira como ele aborda o assunto, na percepção de normas sociais e no nível de abertura para falar sobre o tema, que vai nortear esses indivíduos a usarem, ou não, estratégias de tabuização.

Os tabus linguísticos entre adolescentes e jovem surgem a partir das normas socioculturais que influenciam no comportamento e no modo como os falantes interagem dentro de suas comunidades. A formação de identidade ocorre durante a adolescência e é nesse período que a sexualidade é descoberta. No entanto, nesse momento surge o *período do silêncio* em que o adolescente não se sente a vontade para falar ou debater sobre assuntos tabus. Percebe-se esses tabus na linguagem através do uso de eufemismos para abordar, em especial, sobre assuntos de cunho sexual.

Quando Foucault (2011, p. 101), ressalta sobre a percepção das normas sociais, pode-se perceber uma relação entre conhecimento e educação. Adolescentes com maior nível educacional podem discutir o sexo de forma mais aberta, enquanto aqueles que possuem nível educacional menor, podem recorrer a formas de censura para falar sobre atividades sexuais

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A observação da fala de moradores de São Luís – Maranhão, quando da denominação para o ato sexual, instigou a realização desta pesquisa, considerando a presença nessa fala de um diversificado leque de palavras para denominar esse ato.

Para a construção da pesquisa, foram definidos um objetivo geral e dois objetivos específicos. Como objetivo geral busca-se investigar a variação lexical referente à nomeação do ato sexual, sob a perspectiva da tabuização, na cidade de São Luís – MA.

Como objetivos específicos, tem-se: (i) analisar a variação lexical na fala dos moradores da cidade de São Luís – MA, considerando o uso de eufemismos como estratégia de fuga à tabuização, (ii) analisar a influência das variáveis faixa etária, sexo e escolaridade nessa variação e (iii) investigar a motivação do uso das variantes.

4.1 Para construir o *corpus* da pesquisa: metodologia

Para a realização deste trabalho, de natureza quantitativa, a primeira etapa consistiu na realização de pesquisas bibliográficas em livros, dissertações, teses, artigos científicos com temática sobre sexualidade, sexo, ato sexual, tabu linguístico, comportamento da sociedade e eufemismos.

Para a segunda etapa, seguiu-se os seguintes passos:

1 – Definição do perfil dos participantes – foram escolhidos homens e mulheres maiores de 18 anos, naturais de São Luís, perfazendo um total de 30 participantes, distribuídos equitativamente entre os dois sexos, sendo seis participantes por localidade investigada. Paiva (2004, p. 40) enfatiza que a variável sexo do falante é importante e influencia no comportamento linguístico, pois há diferenças na forma em que homens e mulheres falam no cotidiano.

Em relação ao fator idade, os participantes foram distribuídos em: faixa etária I (18 a 40 anos) e faixa etária 2 (maiores de 55 anos). Costa (1996, p. 54) afirma que os grupos etários também diferem linguisticamente. Os mais jovens tendem a ser menos conservadores que os mais velhos e isso refletirá na sua fala. Logo, torna-se importante a consideração dessa variável para a análise.

Considerou-se, também, o fator escolaridade, variando entre o ensino fundamental e o ensino universitário. Buscou-se verificar a relevância desse fator em termos de variação e tabuização na denominação do ato sexual, haja vista que

Fernandez (2009, p. 61) considera que falantes com maior nível de escolaridade fazem uso de variantes mais prestigiosas e que se ajustam à norma padrão.

2 – Definição do *locus* da pesquisa – cinco bairros de São Luís (Centro, Renascença, Vinhas, Turu e Cidade Operária). Esses bairros foram escolhidos por serem bastante populosos e com diferentes realidades sociais.

3 – Registro de dados – os participantes responderam a uma ficha sociolinguística em que informaram dados pessoais, como iniciais de seus nomes, faixa etária, nível de escolaridade, além de responderem à pergunta **“Como você chama o ato sexual, o nome que você dá para aquele momento de prazer?”**. Todos os participantes foram questionados se poderiam explicar a razão pela qual fazem uso das variantes lexicais escolhidas, os que aceitaram responder, tiveram suas falas gravadas por meio do celular do pesquisador.

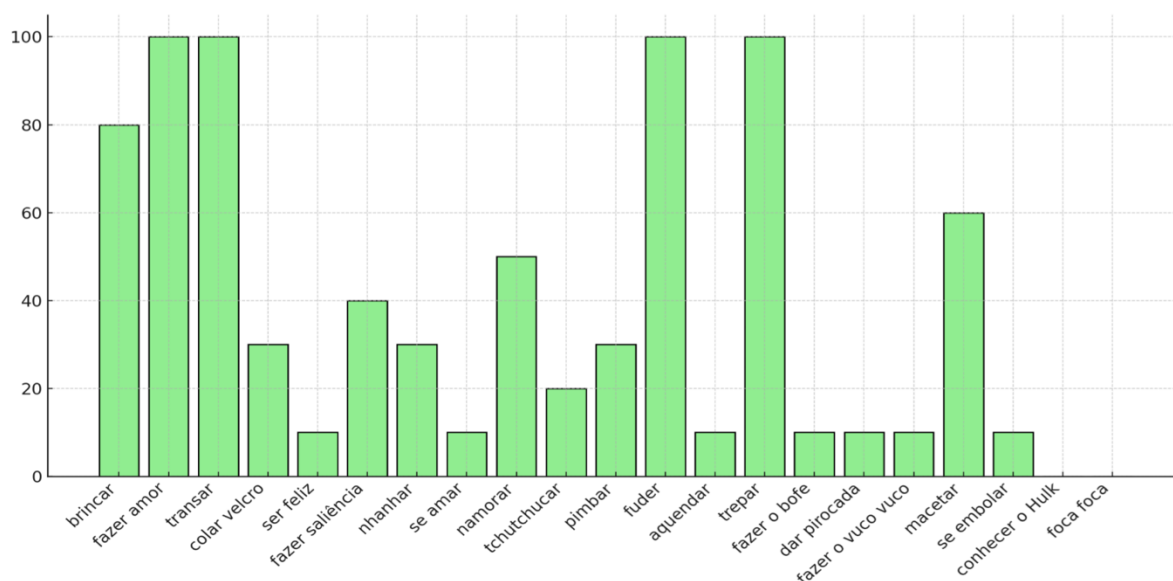
4 – Análise dos dados – dados obtidos foram analisados a partir das fichas aplicadas aos participantes, considerando-se os fatores sexo, faixa etária e escolaridade, sob a luz dos princípios teóricos da Sociolinguística.

4.2 Validação dos dados

Para validar os resultados desta pesquisa, reuniu-se um grupo de 10 moradores de São Luís, com idade entre 18 e 75 anos. Individualmente, apresentou-se uma ficha com as variantes lexicais registradas por esta pesquisa em São Luís¹, para denominar o ato sexual e foi solicitado que marcassem as variantes que conheciam.

No gráfico 1 pode-se visualizar os resultados encontrados nas fichas. Os valores de referência estão entre 0 e 100 (em porcentagem).

¹ Apêndice B.

Gráfico 1 – Variantes encontradas em percentual

- 1 – *Brincar*: encontrado em 80% das respostas – 8 fichas.
- 2 – *Fazer amor*: encontrado em 100% das respostas – 10 fichas.
- 3 – *Transar*: encontrado em 100% das respostas – 10 fichas.
- 4 – *Colar velcro*: encontrado em 30% das respostas – 3 fichas.
- 4 – *Ser feliz*: encontrado em 10% das respostas – 1 ficha.
- 6 – *Fazer saliência*: encontrado em 40% das respostas – 4 fichas.
- 7 – *Nhanhar*: encontrado em 30% das respostas – 3 fichas.
- 8 – *Se amar*: encontrado em 10% das respostas – 1 ficha.
- 9 – *Namorar*: encontrado em 50% das respostas – 5 fichas.
- 10 – *Tchutchucar*: encontrado em 20% das respostas – 2 fichas.
- 11 – *Pimbar*: encontrado em 30% das respostas – 3 fichas.
- 12 – *Fuder*: encontrado em 100% das respostas – 10 fichas.
- 13 – *Aquendar*: encontrado em 10% das respostas – 1 ficha.
- 14 – *Tregar*: encontrado em 100% das respostas – 10 fichas.
- 15 – *Fazer o bofe*: encontrado em 10% das respostas – 1 ficha.
- 16 – *Dar pirocada*: encontrado em 10% das respostas – 1 ficha.
- 17 – *Fazer o vuco vuco*: encontrado em 10% das respostas – 1 ficha.
- 18 – *Macetar*: encontrado em 60% das respostas – 6 fichas.
- 19 – *Se embolar*: encontrado em 10% das respostas – 1 ficha
- 20 – *Conhecer o Hulk*: não encontrado.
- 21 – *Foca foca*: não encontrado.

A partir dos resultados apresentados no gráfico 1, validou-se 19 lexias encontradas ao longo da pesquisa: *brincar; fazer amor; transar; colar velcro; ser feliz; fazer saliência; nharhar; se amar; namorar; tchutchucar; pimbar; fuder; aquendar; trepar; fazer o bofe; dar pirocada; fazer o vuco vuco; macetar; se embolar.*

Apenas duas lexias, *conhecer o Hulk* e *foca foca*, não foram validadas pelo grupo de moradores de São Luís. Entretanto, retomando-se as 14 estratégias de fuga dos elementos tabuizados apresentadas por Guérios (1979, p. 17-23), pode-se considerar “*conhecer o Hulk*” e “*foca foca*” como formas de fuga para evitar a utilização de palavras tabus.

A primeira expressão, “*conhecer o Hulk*”, se explica com base na estratégia 7 – *resultado do cruzamento entre aquele e outro vocabulário* – apresentada na seção XX deste trabalho. Houve a criação de um neologismo. Essa expressão utiliza a força do personagem *Hulk*, da *Marvel*, sempre associado à sua força e sua intensidade, fazendo-se referência ao ato sexual. Percebe-se uma tentativa de suavização ou distanciamento do impacto do vocábulo tabu na fala da participante I.S.R.L. através de uma associação criativa, não sendo necessário recorrer à substituição por sinônimos ou qualquer outra forma mais tradicional de eufemismo.

Em relação à segunda expressão, “*foca foca*”, se explica com base na estratégia 4 – *substituição do vocábulo tabu por um estrangeirismo ou dialetismo*. Mesmo “*foca foca*” não sendo uma palavra estrangeira, ela faz alusão à palavra “*fuck*” (*foder* em língua inglesa). A troca de “*fuck*” por “*foca*” serviu para suavizar o impacto do termo tabu, distanciando assim o sentido original da palavra. Utilizar “*fuck*” poderia ser considerado inapropriado no contexto familiar da participante P.M.P. (vários membros de sua família falam inglês) e “*foca foca*” comunica o mesmo conceito de maneira disfarçada. A expressão utilizada pela participante pode ser vista como uma forma de estrangeirismo indireta, pois, através do som, faz uma referência cultural e fonética à palavra “*fuck*”.

5 VARIAÇÃO LEXICAL PARA O ATO SEXUAL NA FALA DE MORADORES DE SÃO LUÍS - MARANHÃO

Neste estudo foram coletadas 21 variantes lexicais para o ato sexual. Dessas, 12 foram registradas entre as mulheres (*brincar; conhecer o hulk; fazer amor; transar; colar velcro; ser feliz; foca foca; fazer saliência; nharhar; se amar; namorar e tchutchucar*). Entre os homens, registrou-se 10 variantes (*pimbar; fuder; transar; aquendar; trepar; fazer o bofe; dar pirocada; fazer o vucu vucu; macetar; se embolar*). Os resultados são apresentados nos tópicos 5.1, 5.2 e 5.3.

5.1 Variação lexical na fala das mulheres

Para o levantamento do *corpus*, 15 participantes do sexo feminino foram convidadas a responder à pergunta “**como você chama o ato sexual, o nome que você dá para aquele momento de prazer?**”. A seguir apresenta-se uma síntese dos dados registrados na ficha sociolinguística de cada mulher participante.

Quadro 1 – Síntese das fichas sociolinguísticas – participantes do sexo feminino

1. J.S.F.	
Idade:	55 anos
Sexo biológico:	Feminino
Escolaridade:	Ensino médio completo
Bairro:	Centro
Variação lexical:	Brincar
2. M.A.R.P.	
Idade:	79 anos
Sexo biológico	Feminino
Escolaridade:	Ensino fundamental incompleto
Bairro:	Centro
Variação lexical:	Fazer amor
3. J.L.M.O.S.	
Idade:	33 anos
Sexo biológico:	Feminino
Escolaridade:	Ensino superior incompleto
Bairro:	Centro

Variação lexical:	Colar velcro
4. I.S.R.L.	
Idade:	31 anos
Sexo biológico:	Feminino
Escolaridade:	Ensino superior incompleto
Bairro:	Turu
Variação lexical:	Conhecer o hulk
5. P.M.P.	
Idade:	36 anos
Sexo biológico:	Feminino
Escolaridade:	Ensino superior completo
Bairro:	Turu
Variação lexical:	Foca foca
6. G.B.C.	
Idade:	78 anos
Sexo biológico:	Feminino
Escolaridade:	Ensino médio completo
Bairro:	Turu
Variação lexical:	Se amar
7. A.K.B.F.	
Idade:	39 anos
Sexo biológico:	Feminino
Escolaridade:	Ensino superior completo
Bairro:	Vinhais
Variação lexical:	Transar
8. D.N.P.	
Idade:	27 anos
Sexo biológico:	Feminino
Escolaridade:	Ensino superior completo
Bairro:	Vinhais
Variação lexical:	Transar
9. C.B.F.	
Idade:	18 anos
Sexo biológico:	Feminino
Escolaridade:	Ensino fundamental completo

Bairro:	Vinhais
Variação lexical:	Tchutchucar
10. R.V.P.V.	
Idade:	25 anos
Sexo biológico:	Feminino
Escolaridade:	Ensino superior incompleto
Bairro:	Cidade Operária
Variação lexical:	Fazer saliência
11. E.P.S	
Idade:	19 anos
Sexo biológico:	Feminino
Escolaridade:	Ensino superior incompleto
Bairro:	Cidade Operária
Variação lexical:	Brincar
12. R.V.A.	
Idade:	64 anos
Sexo biológico:	Feminino
Escolaridade:	Ensino fundamental completo
Bairro:	Cidade Operária
Variação lexical:	Nhanhar
13. D.B.S.A.L.	
Idade:	38 anos
Sexo biológico:	Feminino
Escolaridade:	Ensino superior completo
Bairro:	Renascença
Variação lexical:	Ser feliz
14. F.M.S.	
Idade:	39 anos
Sexo biológico:	Feminino
Escolaridade:	Ensino superior completo
Bairro:	Renascença
Variação lexical:	Fazer amor
15. T.C.V.	
Idade:	20 anos
Sexo biológico:	Feminino

Escolaridade:	Ensino médio completo
Bairro:	Renascença
Variação lexical:	Namorar

Falar sobre o ato sexual para essas participantes é ainda um tabu linguístico, uma vez que a pergunta formulada se volta para um assunto íntimo. Quando Preti (1984, p. 61) aborda a ligação entre o léxico e os costumes, ele afirma que vocábulos relacionados com o ato sexual tendem a externalizar os juízos feitos pela sociedade, o que coaduna com os dados levantados nesta pesquisa, já que todas as participantes da pesquisa demonstraram um certo desconforto ao falar sobre suas vidas íntimas com um pesquisador do sexo masculino.

“As mulheres mostram uma atitude mais positiva do que os homens em relação aos usos que estão em conformidade com a norma”² (Fernandez, 2009, p. 43). Há uma maior preocupação em relação à forma como elas se expressarão, se soarão grosseiras, indecentes ou até mesmo vulgares. Em geral, a mulher desde a sua infância é moldada para seguir uma linha de padrões e costumes, em que sempre escutam de suas famílias “isso não é comportamento de menina”, ao fazerem algo que não está em conformidade com o que se espera de uma mulher.

Preti (1984, p. 36) discorre que toda a visão do ato sexual é vista sob a perspectiva masculina, o homem detém o poder de conquistador, namorador, amante e sedutor em todos os níveis. O autor mostra, ainda, com base no *Dicionário Moderno*, a diversidade de nomes dada ao órgão sexual masculino motivada por um processo metafórico, isto é, pela semelhança física entre os elementos comparados, a exemplo de: *banana, bisnaga, cacete, ferro, linguiça, nabo, pau, pistola*.

O tabu linguístico existente na sociedade em relação ao ato sexual, quando denominado pelas mulheres, não é algo novo. Preti (1984, p. 86) informa que o ato sexual é visto como uma guerra em que haverá o dominador e o dominado, o vencedor e o vencido; em que o masculino terá sempre o sentimento de força e de poder, impondo às mulheres a ideia de que estas são o lado fraco e impotente e demonstrando que elas serão sempre conquistadas e dominadas por homens.

² Tradução do original: “Las mujeres muestran una actitud más positiva que los hombres hacia los usos que se ajustan a la norma.”

Isso pode ser observado, inclusive, nas denominações dadas ao órgão sexual feminino, que, em uma representação humorístico-depreciativa, é denominado por exemplo de *engenhoca*, *fenda*, *greta*, *barbada*, *ruptura*, *túnel*, Preti (1984, p. 88).

Durante a coleta dos dados, as participantes ruborizavam, sorriam, passavam as mãos nos cabelos e colocavam as mãos na boca ao serem indagadas sobre a denominação do ato sexual. Isso termina por levar aos questionamentos feitos por Moreno Fernández (2009, p. 44), a saber: “De onde vem essa tendência feminina de seguir modelos de prestígio? Por que que em muitas culturas se espera que as mulheres adaptem o seu comportamento sociolinguístico a um cânone ou a referências de prestígio?”³

Nota-se que as mulheres se sentem pressionadas a falar de forma mais pudica, sem fugir do contexto normativo e padrões da sociedade, precisando pensar cuidadosamente nas palavras proferidas, uma vez que podem ser mal vistas e taxadas como inadequadas ou vulgares. Desde a infância, as mulheres são ensinadas a monitorar suas palavras, a transmitir uma imagem mais delicada e dócil, a serem passivas e recatadas. Toda essa pressão contribui para um silenciamento por medo de julgamentos negativos da sociedade.

Algumas participantes desta pesquisa perguntaram se teriam seus nomes divulgados ou seus rostos filmados ou fotografados. Elas informaram que caso fosse assim, não aceitaram participar. Ao serem questionadas do porquê, as participantes relataram que, por ser um assunto “muito íntimo” e “vergonhoso”, teriam medo de alguma pessoa conhecida ou até mesmo seus filhos tivessem acesso às suas respostas. Duas delas advertiram que suas vidas estariam arruinadas se seus rostos ou nomes fossem publicados. Isso demonstra o que as mulheres tendem a seguir modelos de falas consideradas mais conservadoras pela sociedade conforme observado por Fernández (2009, p. 41).

Dentre as 15 participantes do sexo feminino, nenhuma utilizou palavras consideradas vulgares e impactantes, como *fuder* e *tregar*, por exemplo, utilizadas pelos participantes do sexo masculino. Todas buscaram uma forma mais suave para denominar o ato sexual, o que reforça o que foi afirmado por Preti (1984, p. 78) sobre

³ Tradução do original: “¿de dónde nace esa tendencia femenina a seguir los modelos de prestigio? ¿Por qué en muchas culturas se espera que la mujer ajuste su conducta sociolingüística a un canon o unos referentes de prestigio?”

o uso de eufemismos. Sobre a motivação do uso das variantes lexicais, pode-se ver as explicações dadas por algumas delas no quadro a seguir.

Quadro 2 – Motivação da denominação entre as mulheres

Participantes / variante	Idade	Escolaridade	Motivação
1 – J.S.F. (brincar)	55 anos	Ensino médio completo	“eu brinco com o meu marido, é a hora que a gente se diverte”.
2 – M. A.R. P. (fazer amor)	79 anos	Ensino fundamental incompleto	Não informou.
3 – J.L.M.O.S. (colar velcro)	33 anos	Ensino superior incompleto	“nossos pelos parecem aqueles velcros, sabe? Então a gente meio que fica colando eles uns nos outros”.
4 – I.S.R.L. (conhecer o Hulk)	31 anos	Ensino superior incompleto	“Menino, que difícil! Mas eu vou tentar explicar. Tu já assistiu algum filme do Hulk? Sabe que ele é pequenininho no começo, né? Mas depois que cresce ele fica enorme (risos)”.
5 – P.M.P. (foca foca)	31 anos	Ensino superior completo	“Eu e meus primos falamos inglês desde criança. Em inglês se usa <i>fuck</i> pra falar de sexo. Então quando a gente queria falar desse assunto sem que nossos pais entendessem, a gente usava o foca foca (risos)”.
6 – G.B.C. (se amar)	78 anos	Ensino médio completo	Não informou.
7 – A.K.B.F. (transar)	39 anos	Ensino superior completo	Não informou.
8 – D.N.P. (transar)	27 anos	Ensino superior completo	“Ah, sei lá! Acho que é a palavra menos feia, né?”.

9 – C.B.F. (tchutchucar)	18 anos	Ensino fundamental completo	“Eu via minha irmã mais velha falando, achava tão bonitinha essa palavra (risos)”.
10 – R.V.P.V. (fazer saliência)	25 anos	Ensino superior incompleto	“Sexo é saliência, rapaz! Então a gente acaba fazendo e é tão bom (risos)”.
11 – E.P.S. (brincar)	19 anos	Ensino superior incompleto	Não informou.
12 – R.V.A. (nhanhar)	64 anos	Ensino fundamental completo	“Tinha uma novela que eu esqueci o nome. A mulher vivia nhanhando. Eu e meu marido a gente acabou usando”.
13 – D.B.S.A.L. (ser feliz)	38 anos	Ensino superior completo	“No sexo nos somos felizes! É um momento único de prazer e felicidade”.
14 – F.M.S. (fazer amor)	39 anos	Ensino superior completo	Não informou.
15 – T.C.V. (namorar)	20 anos	Ensino médio completo	Não informou.

Moreno Fernández (2009, p. 47) relata que “a *idade*, conforme o tempo passa, vai determinando e modificando os hábitos sociais dos indivíduos, incluindo os comunicativos e linguísticos”⁴. Todas as participantes deste estudo, da mais jovem a mais idosa, utilizaram expressões eufêmicas ou menos impactantes para tratar sobre o ato sexual. Logo, não é possível afirmar que no contexto de São Luís - Maranhão o fator *idade* tenha sido importante, no que tange a esse aspecto. Porém, o que foi afirmado nos estudos de Preti (1984, p. 60), sobre o uso de variantes lexicais eufêmicas como forma de manter os “bons costumes”, foi constatado.

No que tange à variável *escolaridade* como afirmado por Moreno Fernandez (2009, p. 61), em sua singularidade, não possuiu nenhum protagonismo em relação aos resultados obtidos nesse estudo. Entre todas as participantes com diferentes graus de instrução (ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo, ensino médio incompleto, ensino médio completo, ensino superior

⁴ Tradução do original: “La edad conforme el tiempo transcurre, va determinando y modificando los caracteres y los hábitos sociales de los individuos, incluidos los comunicativos y los puramente lingüísticos”

incompleto e ensino superior completo, ainda contou-se com participante sem escolarização), todas elas utilizaram palavras e expressões do mesmo nível intelectual. As participantes com maior grau de instrução não se sobressaíram em suas respostas, o que mostra que nesta pesquisa a variável escolaridade não se configura como relevante.

Quanto à variável sexo, observou-se que as 15 participantes se moldaram a um padrão de comunicação que está dentro dos bons costumes imposto às mulheres, como observado por Preti (1984, p. 60) e por Moreno Fernandez (2009, p. 43), ao destacarem que as mulheres são mais suscetíveis a fazer uso de palavras e expressões de mais prestígio em seus discursos. Elas utilizam-se de palavras e expressões suaves e eufêmicas, atendendo aos chamados de uma sociedade machista que dita o padrão de mulher que deve existir.

5.2 Variação lexical na fala dos homens

Seguindo a orientação metodológica já apresentada, as respostas dadas pelos participantes do sexo masculino estão sintetizadas nos quadros 3 e 4:

Quadro 3 – Síntese das fichas sociolinguísticas – participantes do sexo masculino

1. M.V.R.A	
Idade:	38 anos
Sexo biológico:	Masculino
Escolaridade:	Ensino superior completo
Bairro:	Centro
Variação lexical:	Aquendar
2. L.P.F.G.	
Idade:	62 anos
Sexo biológico:	Masculino
Escolaridade:	Ensino fundamental completo
Bairro:	Centro
Variação lexical:	Trepar
3. G.S.R.	
Idade:	88 anos
Sexo biológico:	Masculino
Escolaridade:	Sem escolarização

Bairro:	Centro
Variação lexical:	Fuder
4. L.F.B.C.	
Idade:	63 anos
Sexo biológico:	Masculino
Escolaridade:	Ensino superior completo
Bairro:	Turu
Variação lexical:	Fuder
5. J.L.F.N.	
Idade:	36 anos
Sexo biológico:	Masculino
Escolaridade:	Ensino superior completo
Bairro:	Turu
Variação lexical:	Dar pirocada
6. T.R.L.	
Idade:	55 anos
Sexo biológico:	Masculino
Escolaridade:	Ensino médio completo
Bairro:	Turu
Variação lexical:	Se embolar
7. L.A.M.F.	
Idade:	59 anos
Sexo biológico:	Masculino
Escolaridade:	Ensino médio completo
Bairro:	Vinhais
Variação lexical:	Pimbar
8. R.N.F.	
Idade:	30 anos
Sexo biológico:	Masculino
Escolaridade:	Ensino superior completo
Bairro:	Vinhais
Variação lexical:	Transar
9. H.L.M.L.	
Idade:	82 anos
Sexo biológico:	Masculino

Escolaridade:	Ensino médio completo
Bairro:	Vinhais
Variação lexical:	Fuder
10. B.H.P.	
Idade:	18 anos
Sexo biológico:	Masculino
Escolaridade:	Ensino superior incompleto
Bairro:	Cidade Operária
Variação lexical:	Fazer o bofe
11. V.F.S.	
Idade:	38 anos
Sexo biológico:	Masculino
Escolaridade:	Ensino superior completo
Bairro:	Cidade Operária
Variação lexical:	Fazer vuco vuco
12. C.S.S.	
Idade:	36 anos
Sexo biológico:	Masculino
Escolaridade:	Ensino médio completo
Bairro:	Cidade Operária
Variação lexical:	Trepar
13. L.S.B.	
Idade:	56 anos
Sexo biológico:	Masculino
Escolaridade:	Ensino superior completo
Bairro:	Renascença
Variação lexical:	Fuder
14. R.R.F.	
Idade:	24 anos
Sexo biológico:	Masculino
Escolaridade:	Ensino superior completo
Bairro:	Renascença
Variação lexical:	Macetar
15. B.B.D.	
Idade:	27 anos

Sexo biológico:	Masculino
Escolaridade:	Ensino superior completo
Bairro:	Renascença
Variação lexical:	Fuder

É fato que a sociedade brasileira ainda é machista e isso está profundamente enraizado na cultura. Presencia-se o machismo no ambiente de trabalho, na estrutura familiar, nas mídias e na política, em que se vê um número maior de prefeitos, deputados, senadores do sexo masculino. Tudo isso gera uma sociedade desigual, em que homens possuem mais direitos, inclusive uma liberdade de fala maior. Em geral, homens não são julgados por andarem sem camisa ou virarem o pescoço para olhar uma mulher que passa na rua, tampouco são corrigidos por proferirem palavras de baixo calão ou vulgares em uma roda de amigos que contenham mulheres, por exemplo.

No âmbito sexual, para Preti (1984, p. 36-37), o homem é tido como o detentor da ação, o namorador e todo o ato sexual é visto sob a perspectiva masculina, o que reflete um comportamento machista e de submissão feminina. O autor faz referência ao *Dicionário moderno*, do início do século XX, em que a traição ou adultério constitui crime essencialmente feminino e em que a “modernice” da sociedade da época levava as mulheres a fazerem passeios nas ruas para se exhibir e assim conquistar novos admiradores, traindo seus respectivos maridos.

Segundo Preti (1984, p. 41), naquela época, a mulher era dependente econômica e moralmente dos homens e sua única preocupação deveria ser o homem, pois ele era o ser indispensável e mereceria toda a sua dedicação. Ela precisava ser disponível, sempre esperar pelo homem e ainda era vista como ociosa, já que não exercia atividade remuneratória alguma. Percebe-se que a sociedade do início do século passado era bastante machista e, ainda hoje, na sociedade do século XXI, conserva-se alguns elementos, embora alguns avanços tenham sido alcançados.

Esse comportamento refletia e ainda reflete na língua e nas palavras que os falantes utilizam para expressarem seus pensamentos e sentimentos. Logo, ao viver-se em uma sociedade machista, o homem possui mais direitos e menos julgamentos ao se comunicar, diferentemente das mulheres que são instruídas desde a infância a se comportarem da forma como a sociedade espera, ou seja, conservadora. Essa mesma sociedade cobra que o homem seja o ser mais forte,

dominador e, às vezes, mais insensível, já que sensibilidade pode ser vista como fraqueza e traço feminino em um contexto masculino.

Na vida cotidiana do homem, utilizar palavras grosseiras ou de baixo calão se tornou natural, sendo normalizado. Fazer uso de eufemismos ou palavras mais suaves – em determinados contextos, como o sexual, por exemplo – pode ser visto como um ato de delicadeza, sendo o homem chamado de afeminado pelos outros, o que reforça o pensamento machista da sociedade brasileira.

Dos 15 participantes do sexo masculino, 13 responderam a ficha sociolinguística sem questionamentos ou preocupações com suas imagens, e apenas dois questionaram se seus nomes ou fotos seriam publicados. No quadro 4, pode-se observar a utilização de eufemismos em alguns casos, mas, em sua grande maioria, nota-se o uso de vocábulos vulgares que foram proferidos sem nenhum cuidado ou ruborização.

Quadro 4 – Motivação da denominação entre os homens

Participantes / variante	Idade	Escolaridade	Motivação
1 – M.V.R.A. (aquendar)	38 anos	Ensino superior completo	“o macho aquenda a gente, uso isso desde adolescente”.
2 – L.P.F.G. (tregar)	62 anos	Ensino fundamental completo	“a mulher trepa na gente, uai. Aí faz aquele movimento gostoso”.
3 – G.S.R. (fuder)	88 anos	Sem escolarização	Não informou.
4 – L.F.B.C. (fuder)	63 anos	Ensino superior completo	“macho fode a mulher, então a gente chama elas pra fuder”.
5 – J.L.F.N. (dar pirocada)	36 anos	Ensino superior completo	“minha mulher gosta quando eu chego em casa e digo que vou dar pirocada nela (risos)”.
6 – T.R.L. (se embolar)	55 anos	Ensino médio completo	“quando eu tô com o cara na cama a gente fica se embolando o tempo todo”.
7 – L.A.M.F. (pimbar)	59 anos	Ensino médio completo	“pimbar é socar, meu jovem. É isso que faço nas mulher”.

8 – R.N.F. (transar)	30 anos	Ensino superior completo	“eu não gosto dessas outras palavras, acho vulgar demais, nãñ”.
9 – H.L.M. L. (fuder)	82 anos	Ensino fundamental completo	“quando eu costumava fazer eu fudia, só não me pergunte o porquê, meu filho”.
10 – B.H.P. (fazer o bofe)	18 anos	Ensino superior incompleto	“o bofe fica deitadinho e eu vou lá e faço ele”.
11 – V.F.S. (fazer vucu vucu)	38 anos	Ensino superior completo	“a cama faz vucu vucu, vucu vucu (risos)”.
12 – C.S.S. (trepar)	36 anos	Ensino médio completo	Não informado.
13 – L.S.B. (fuder)	56 anos	Ensino superior completo	Não informado.
14 – R.R.F. (macetar)	24 anos	Ensino superior completo	“a gente dá uma macetada na novinha e ela fica louca”.
15 – B.B.D. (fuder)	27 anos	Ensino superior completo	Não informado.

Diferentemente das mulheres, os homens fizeram uso indiscriminado de palavras e expressões consideradas *chulas* para a sociedade, ao se referir ao ato sexual. Isso reafirma as constatações de Preti (1984). O de que o homem não precisa se adequar às mesmas normas de comportamento que as mulheres precisam desde crianças. Na cultura brasileira machista, o homem tem que ser homem desde criança, não cruzar as pernas e não ser delicado.

Em seus estudos, Moreno Fernández (2009, p. 47) relata que à medida que o falante de uma língua vai envelhecendo, ele modifica seu modo de falar e seus hábitos sociais. Pôde-se perceber que participantes mais idosos desta pesquisa não demonstraram nenhum pudor ou cortesia para descrever o ato sexual. A variável *idade*, neste caso, não foi relevante, já que entre os homens não houve problemas em proferir palavras consideradas tabus linguísticos. Não houve nenhuma busca por palavras eufêmicas para realizar uma substituição.

No que tange à variável *escolaridade*, assim como no contexto feminino, não se observou nenhuma diferença entre a fala do participante menos escolarizado e do participante mais escolarizado. Mais uma vez, o grau de escolaridade não foi determinante para o uso de uma linguagem mais rebuscada ou mais tarde. Todos utilizaram o mesmo nível de palavras e expressões para a denominação do ato sexual,

com exceção dos participantes números 1, 6 e 10. Embora haja tal liberdade, ainda há homens que buscam por eufemismos para falar sobre o ato sexual. Faz-se importante ressaltar que esses três participantes, são homossexuais. Eles utilizaram-se de eufemismos, assim como as mulheres, não fazendo uso de palavras comumente utilizadas por participantes heterossexuais.

Em se tratando da variável sexo, confirma-se o que já foi verificado por Preti (1984) e Moreno Fernández (2009), o homem com todo o seu prestígio social e liberdade de fala, consegue proferir palavras consideradas *chulas* sem nenhum problema e impedimento.

Costa (1996, p. 53) registra que as mulheres são linguisticamente mais conservadoras e mais sensíveis à norma culta. Elas fazem uso de expressões e entonações mais associadas a feminilidade. Já os homens, de uma forma geral, se distanciam da norma padrão e usam formas que acentuam sua masculinidade. Muitos meninos não se sentem à vontade para usar a linguagem correta na escola, sob pena de sofrerem algum tipo de *bullying* pelos colegas, já que na sociedade brasileira a correção é vista como uma marca feminina.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da variação lexical para denominar o ato sexual revelou um vínculo entre linguagem e o sexo do participante. Ao analisar-se as palavras e expressões utilizadas por mulheres e homens, pressões sociais e padrões de comportamento foram refletidos e não apenas meras escolhas feitas pelos participantes. A linguagem não é neutra, ela traz consigo valores, crenças que influenciam o modo de falar dos grupos sociais. A língua está intrinsicamente ligada aos costumes.

No que concerne às mulheres participantes deste estudo, o notório desconforto em responder à pergunta sobre o ato sexual e a utilização de eufemismos ou estratégias de fuga, mostram que elas foram criadas em uma sociedade que possui tabus culturais e linguísticos. Desde crianças, essas mulheres são ensinadas a se comportarem e falarem seguindo a forma padrão que se espera do sexo feminino. Temas como sexo devem ser abordados de forma cuidadosa e discreta. Há um silenciamento que gera a submissão do sexo feminino.

Percebe-se que a sociedade brasileira ainda se comporta de forma machista, sendo o homem sempre privilegiado, até mesmo nas suas escolhas linguísticas. As mulheres tentam, mas ainda têm suas vozes abafadas por outras vozes que as reprimem desde o modo como devem andar, sentar, cruzar as pernas e falar. Neste estudo, percebeu-se que as mulheres ainda ruborizam para falar sobre o ato sexual – algo natural do ser humano. Algumas participantes desta pesquisa chegaram a pensar que se seus nomes ou vozes fossem divulgados em público, teriam suas vidas arruinadas.

Por sua vez, os homens têm maior liberdade para abordar temas sexuais. Percebeu-se uma maneira mais direta e menos eufêmica para falar sobre sexo. Os participantes do sexo masculino utilizaram palavras *chulas* de forma indiscriminada e sem pudor algum, com exceção de três participantes homossexuais, que fizeram uso de eufemismos nas lexias que reproduziram. Entende-se que o homem é tido como o ser dominante, ao passo que as mulheres são vistas como submissas. O tabu linguístico que envolve o universo feminino está inserido em um contexto de controle social sobre o corpo e o comportamento das mulheres.

Este estudo abriu espaço para reflexão sobre a utilização de eufemismos, como estratégia usada pelas mulheres para lidar com o desconforto e as expectativas

sociais. Além de suavizarem um tema delicado, elas adaptam sua fala para evitar julgamentos negativos.

Em síntese, o tabu linguístico foi percebido de forma mais presente, mais exacerbada na realidade feminina que no universo masculino. As mulheres buscaram palavras mais “leves” e menos “vulgares” ao se referirem ao ato sexual, sendo mais cautelosas em suas respostas. Notou-se maior preocupação e maior tentativa em suavizar a palavra utilizada para denominar o ato sexual, resultando em uma maior variedade de palavras e expressões para nomear esse ato.

Variáveis como *escolaridade* e *idade* não foram importantes para determinar o modo de fala dos participantes. Como visto, somente a variável *sexo* serviu para demonstrar a diferença de fala entre as participantes do sexo feminino e os participantes do sexo masculino. O machismo está presente na sociedade brasileira de forma estrutural e, embora haja avanço no que tange a igualdade de direito entre homens e mulheres, ainda há muito o que ser mudado, uma vez que as mulheres, na maioria dos casos, precisam se adaptar à realidade a qual estão inseridas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laura de. **À Guisa de uma Tipologia para os Tabus Linguísticos: Proposta para um glossário**. São Paulo, 2007.

AMARAL, Luiz. **Por que brasileiro adora eufemismos**. (2019) Disponível em <<https://luizguilhermeleiteamaral.medium.com/por-que-brasileiro-adora-eufemismos-cdbd21aa4056>>. Acesso em 24 mar. 2023

ARAUJO, Ricardo Henrique; ANDRADE, Joice Cavalcante. O tabu dos povos primitivos e o estigma das sociedades atuais: as duas faces de um mesmo fenômeno psicanalítico e sociológico. **Cogito**, Salvador, v. 13, p. 58-62, nov. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792012000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 3 ago. 2023.

ATTARDO, Salvatore; RASKIN, Victor. Script theory revis(it)ed: joke similarity and joke representation model. **Humor**, v. 4, n. 3/4, p. 293-347, 1991.

AUGRAS, Monique. **O que é tabu**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

BARROS, Márcia Graminho Fonseca Braz e; MIRANDA, Jean Carlos. Sexualidade: perspectiva histórica e significação cultural. **Acta Biomédica Brasiliensia**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 13-22, 7 mar. 2019. Universidade Iguacu - Campus V. <http://dx.doi.org/10.18571/acbm.195>. Disponível em: <https://actabiomedica.com.br/index.php/acta/article/view/363/260>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BENEDICT, Ruth. **Padrões da Cultura**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e Vocabulário Fundamental. **Alfa**, São Paulo, 40: 27-46, 1996. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/download/3994/3664/9739>>. Acesso em: 16 set. 2024.

_____. Terminologia e lexicografia. **Tradterm**, São Paulo, v. 7, p. 153-181, 2001. DOI: 10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2001.49147. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/tradterm/article/view/49147>>. Acesso em: 03 mar. 2023.

BONHOMME, Marc. **Les figures clés du discours**. Paris: Seuil, 1998.

BORIN, Maísa Augusta et al. **Sociolinguística**. Santa Maria, RS: UFSM, NTE, UAB, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/16413>. Acesso em: 06 jan. 2025.

BUENO, Heitor Campos. (resenha) PARKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões: cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller. 1991. **Revista de**

História da UEG, v. 3, n. 1, p. 209-212, 2014. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/2383>>. Acesso em: 3 mar. 2023.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. Disponível em: <https://perguntasapo.files.wordpress.com/2011/02/castells_1999_parte1_cap1.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2023.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. **Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CORRÊA, Gustavo Figueiredo Pires. O corpo e sexualidade na contemporaneidade. **Simpósio Internacional de Educação Sexual**, 24 abr. 2013. Disponível em: http://www.sies.uem.br/anais/pdf/genero_e_identidade_de_genero/5-13.pdf. Acesso em: 20 nov. 2024.

COSTA, Vera Lúcia Anunciação. A importância do conhecimento da variação linguística. **Educar em Revista**, [S.L.], n. 12, p. 51-60, 1 dez. 1996. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.157>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/Bd8RzXHhGJBXMnSx4cYjCRg/>. Acesso em: 17 set. 2024.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DURANTI, Alessandro. *Antropologia Lingüística*. Tradução de Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 20. ed. São Paulo: Loyola, 2010. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio.

_____. **História da sexualidade, a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**, v. 11. Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. E-book, 310 p. ISBN 978-85-8086-433-5.

GIDDENS, Antony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Ed. Unesp, 1993.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Tabus lingüísticos**. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1979.

GUILBERT, Louis. **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975

ISQUERDO, Aparecida Negri. **O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural**. 1996. 409 p. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras,

Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1996. JAY, Timothy. **Cursing in America: A psycholinguistic study of dirty language in the courts, in movies, in the schoolyards, and on the streets.** Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1992.

JAKOBSON, Roman. **Relações entre a ciência da linguagem e as outras ciências.** Lisboa: Bertrand, 1973

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Principles of Linguistic Change.** v. 2: Social Factors. Massachusetts: Blackwell Publishers, 2001.

LEMOES, Walter Bernardino; PEREIRA, Sandro. Misoginia: a cultura grega e a figura feminina. **Teologia e Espiritualidade**, Curitiba, v. 6, n. 11, p. 97-112, jun. 2019. Disponível em: <https://faculadecristadecuritiba.com.br/wp-content/uploads/2020/09/Artigo-7-Walter.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2023.

LYONS, John. **Língua(gem) e lingüística: uma introdução.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

HELIE, Anissa; HOODFAR, Homa. (Org.) **Sexuality in Muslim contexts: restrictions and resistance.** London: Zed Books, 2012.

MÉLLO, Ricardo. Corpos, heteronormatividade e performances híbridas. **Psicologia & Sociedade**, Brasil, p. 197-207, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/9ywwLKWfTzTmPJdhR5XTb/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: out. 2023.

MONTEIRO, José Lemos. Linguagem e mal estar. **Revista mal estar e subjetividade.** Fortaleza, v.2, n.1, p. 64- 2002. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151861482002000100006> Acesso em 16 set. 2024.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco . **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje.** Barcelona: Ariel, 2009.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Apresentação. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.** 2.ed. Campo Grande: UFMS, 2001, v. 1, p.9-11.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-42.

PEREIRA, Veronica Aparecida. Sexualidade infantil e orientação sexual na escola no processo educativo. In: CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. (Org.). **Práticas em educação especial e inclusiva na área da deficiência mental.** Bauru: MEC/FC/SEE, 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/284714482_SEXUALIDADE_INFANTIL_E>

_ORIENTACAO_SEXUAL_NA_ESCOLA_NO_PROCESSO_EDUCATIVO>. Acesso em 4 out. 2023.

PIETENPOL, Annelise M.; MORGAN, Mark Alden; WRIGHT, John Paul; ALMOSAED, Nora F.; MOGHRABI, Sameera S.; BASHATAH, Fawzia S.. The enforcement of crime and virtue: predictors of police and mutaween encounters in a saudi arabian sample of youth. **Journal Of Criminal Justice**, [S.L.], v. 59, p. 110-121, 20 nov. 2018. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2018.05.007>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0047235217301800>. Acesso em: 20 nov. 2024.

PINTO, Célia Regina Jardim. "Feminismo, História e Poder". **Rev. Social. Polít**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf> Acesso em: 20 nov. 2024.

PRETI, Dino. **A linguagem proibida**: um estudo sobre a linguagem erótica. São Paulo: T. A . Queiroz, 1984.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Mulheres e educação no Brasil-Colônia: histórias entrecruzadas. **HISTEDBR: História, Sociedade e Educação no Brasil**, Faculdade de Educação da Unicamp. 2005. Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos/mulheres-e-educacao-no-brasil-colonia-historias-entrecruzadas>. Acesso em: 20 nov. 2024.

SANTOS, Íris Ferreira dos; MACHADO, Julliana de Almeida; BOMFIM, Nathanael Reis. **Consequências biológicas, psicológicas, familiares e sócio – culturais do homossexualismo**. 2008. Disponível em: <<http://www.redepsi.com.br/2008/11/26/consequencias-biol-gicas-psicol-gicas-famili-ares-e-s-cio-culturais-do-homossexualismo/>> Acesso em: 3 out. 2023.

SILVA, Aniel de Sarom Negrão; SILVA, Beatriz Lobato Costa Negrão; SILVA JÚNIOR, Ademir Ferreira da; SILVA, Márcia Cristina Freitas da; GUERREIRO, João Farias; SOUSA, Andrea do Socorro Campos de Araújo. Início da vida sexual em adolescentes escolares: um estudo transversal sobre comportamento sexual de risco em Abaetetuba, estado do Pará, Brasil. **Revista Pan-Amazônica de Saúde**, Belém, v. 6, n. 3, p. 27-34, set. 2015. Instituto Evandro Chagas. Disponível em: <<http://scielo.iec.gov.br/pdf/rpas/v6n3/2176-6223-rpas-6-03-27.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2024. DOI: <<http://dx.doi.org/10.5123/s2176-62232015000300004>>.

SILVA, Claudia Neves da; PIRES NALESSO, Ana Patrícia. MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS DURANTE A PANDEMIA: O CONSERVADORISMO RELIGIOSO NO BRASIL. **Cult. relig.**, Iquique , v. 17, 7, 2023. Disponible en <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-47272023000100207&lng=es&nrm=iso>. accedido en 28 nov. 2024. Epub 11-Ago-2023. <http://dx.doi.org/10.4067/s0718-47272023000100207>.

SILVA, Paulo Bessa. Linguagem obscena. **Correlatio**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 77-83, 31 out. 2002. Instituto Metodista de Ensino Superior. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas->

ims/index.php/COR/article/download/1817/1801>. Acesso em: 3 mar. 2023. DOI: <<http://dx.doi.org/10.15603/1677-2644/correlatio.v1n2p77-83>>.

SOUTO MAIOR, Mário. **A língua na boca do povo**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 1992.

_____. **Dicionário do palavrão e termos afins**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2010.

SOUZA, Luciana Rodrigues de; HOT, Amanda Dutra. INTIMIDADE, TRATAMENTO DA MULHER E A IGREJA NO BRASIL COLONIAL: BREVES APONTAMENTOS HISTORIOGRÁFICOS. *In: Seminário Científico da Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu – Unifacig*, 1., 2019, Manhuaçu. Anais... Manhuaçu: UNIFACIG, 2019. p. 1-10. Disponível em: <<https://www.pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/semiarociencia/articulo/download/294/261>>. Acesso em: 16 set. 2024.

SPITZNER, Regina Henriqueta Lago. **Sexualidade e adolescência**: reflexões acerca da educação sexual na escola. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, 162 f.

TARALLO, Fernando Luis. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

APÊNDICE A - Ficha Sociolinguística: expressões sobre o ato sexual



Ficha Sociolinguística: Expressões sobre o Ato Sexual

Instruções: Esta ficha faz parte de uma pesquisa sociolinguística que busca entender como diferentes pessoas utilizam e percebem expressões linguísticas relacionadas ao ato sexual. Sua participação é anônima e todas as respostas são confidenciais.

1. Quais são as iniciais do seu nome?

(Exemplo: J.A.F., F.S.A.)

2. Qual sua faixa etária?

- () Faixa etária I - 18 a 40 anos.
- () Faixa etária II – Maior de 55 anos.

3. Qual o seu nível de escolaridade?

- () Ensino Fundamental incompleto
- () Ensino Fundamental completo
- () Ensino Médio incompleto
- () Ensino Médio completo
- () Ensino Superior incompleto
- () Ensino Superior completo

4. Como você chama o ato sexual, o nome que você dá para aquele momento de prazer?

(Sua resposta é confidencial e não será associada à sua identidade)

5. Você acha que o termo que você utiliza é amplamente aceito em sua comunidade ou é um termo mais pessoal?

- () Amplamente aceito
- () Pessoal e mais íntimo

6. Como você vê o uso de termos coloquiais ou informais para descrever o ato sexual?

- () É normal e apropriado
- () Depende do contexto
- () É inadequado

7. Você concorda em explicar a sua resposta da questão 4? (Sua resposta será gravada por meio de um gravador).

- () Sim.
- () Não.

APÊNDICE B - Ficha de variantes lexicais encontradas em São Luís



Ficha Sociolinguística: Ficha de variantes lexicais encontradas em São Luís

Instruções: Marque as palavras que você conhece para se referir ao ato sexual. Sua participação é anônima e todas as respostas são confidenciais.

- ☐ Brincar;
- ☐ Conhecer o Hulk;
- ☐ Fazer amor;
- ☐ Transar;
- ☐ Colar velcro;
- ☐ Ser feliz;
- ☐ Foca foca;
- ☐ Fazer saliência;
- ☐ Nhanhar;
- ☐ Se amar;
- ☐ Namorar;
- ☐ Tchutchucar;
- ☐ Pimbar;
- ☐ Fuder;
- ☐ Aquendar;
- ☐ Tregar;
- ☐ Fazer o bofe;
- ☐ Dar pirocada;
- ☐ Fazer o vuco vuco;
- ☐ Macetar;
- ☐ Se embolar;